

CURIOSIDADE DO NOSSO POVO

SÃO DOMINGOS ATÉ 1999

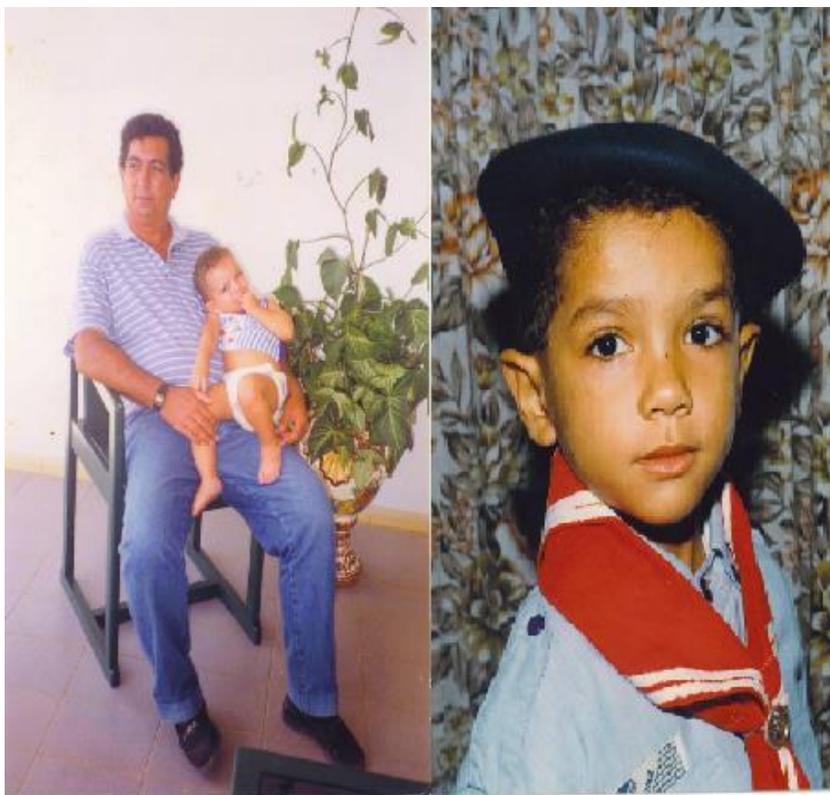


CURIOSIDADE DO NOSSO POVO

SÃO DOMINGOS ATÉ 1999

GRÁFICA E EDITORA ROYAL

O autor com os filhos Paulo César (no colo) e Júlio César (ao lado)



Agradecimentos

Quero agradecer a todos que me ajudaram a elaborar este simples livro, pela grandeza com que foi feito, em cima de fatos, com infindáveis pesquisas, mesmo que a nossa história não tenha sido registrada ou documentada nos anais da história sergipana, mas com base em conhecimentos e na observação do desenrolar do dia-a-dia da comunidade.

Esta história foi resgatada do passado, graças a alguns cidadãos que a contaram e a recontaram para que esse sonho se tornasse uma realidade.

Humberto Santos Fonseca – Auditor Técnico Tributário
– SEF/SE

Quero homenagear



Uma baiana, filha do município de Jeremoabo – Bahia, pessoa de coração tão grande em sua bondade. Coração este, que foi responsável pela sua mudança no dia 06 de junho de 1997, em uma sexta-feira às 22h30min. Um enfarte fulminante a levou. Foi embora Inês para sempre, mas fica na lembrança as saudades de todos. Neste dia eu fiquei viúvo e Júlio César de cinco anos e Paulo César de quatro meses órfão de mãe.

Esta foi a vontade de Deus...

A minha mãe Enéas
Meus irmãos: Iranilde, Adeilde e José
Minha esposa Edilene.
Minhas Tias: Zefa e Ercilia
Minha prima Eulina,
Sobrinhos e Amigos
Dona Zefinha e seu esposo Ferrerinha e família

Agradeço a:

Francino Curvelo – Filho de José Curvelo
Justino Temóteo dos Santos
Laurentino Temóteo Filho (Louro Temóteo)
Pedro Benedito dos Santos (Pedro de Evilauza)
Paulo José de Matos (Paulo Sapateiro)
Juvêncio Mendonça de Brito (Mendonça do Brito)
Maria Bispo de Jesus (Maria Calaço)
Manoel Fiel dos Santos (Manoel de Sota)
Matias Temóteo Neto
Militão Alves da Cruz (Hoje aos 93 anos)
Enéas Santos
José Mecenas filho
Paulo Mecenas
João de Marcos
Valdomiro Pereira dos Santos
Libério Mecenas
José Júlio Filho
Laurindo Anacleto dos Santos
Maria do Perpetuo Socorro do Vale Quaresma – Prof^ª.
de Português e Redação
Abércio José de Góis Filho - Prof^º. de História e Artes
Maria Augusta Pereira
E demais cooperadores...

INDICE

Cap.	Título	Página
I	Como surgiu o Tabuleiro de São Domingos -----	10
II	Origem de São Domingos -----	14
III	Os primeiros moradores -----	23
IV	Festas -----	27
V	Economia -----	33
VI	Produção agrícola -----	35
VII	Escravos -----	39
VIII	Campo do Brito e a emancipação política de São Domingos -----	42
IX	Como surgiram as rodagens -----	46
X	Relação com os outros Municípios -----	50
XI	Costumes -----	51
XII	Como surgiu a emancipação política de São Domingos -----	63
XIII	Primeiros veículos que vieram à Feira Nova -----	70
XIV	Pessoas que mais se destacaram -----	75
XV	Turismo -----	90
XVI	Como se comportou São Domingos com a mudança no mundo -----	93
XVII	Lendas -----	95
XVIII	Educação -----	104
XIX	Religião -----	109
XX	Folclore -----	116
XXI	Política -----	118
XXII	Golpe militar – 31 de março de 1964 -----	121
XXIII	As maneiras para se manter no poder -----	126
XXIV	Os jovens e os dias de hoje -----	130

XXV	Jovens vamos à luta, mas com inteligência -----	133
XXVI	Zona rural -----	136
XXVII	Povoado Buril extinto -----	138
XXVIII	Primeiro Delegado -----	140
XXIX	Feira de São Domingos -----	142
XXX	Fazedores de promessas -----	147
XXXI	Tropeiros -----	150
XXXII	Resultados das eleições para prefeito -----	153
XXXIII	Recordações -----	155
	Bibliografia -----	158

I – Como surgiu o Tabuleiro de São Domingos

Na formação dos povoamentos no Brasil, a Igreja Católica, através de suas congregações teve grande participação. Sabemos que os descobridores foram logo até os índios, a fim de através destes, conhecerem a terra e implementar uma maneira de explorar.

A história nos conta que no dia 26 de Abril de 1.500, quatro dias após a descoberta da Ilha de Vera Cruz e posteriormente Terra de Santa Cruz e finalmente Brasil, Frei Henrique de Coimbra rezou a Primeira missa. De um lado, os colonizadores com valores e comportamentos diferentes, de outro, atônitos ou incertos, frente a um atraente ou assustador espetáculo, os nativos ficaram em cima das árvores ou um pouco mais afastados. Este é um exemplo, e logo os colonizadores partiram para conhecer e descobrir as regiões. Sabemos que eles, de início, julgaram ter chegado a uma ilha. E com a colonização foram surgindo as congregações que deslocava os religiosos para as regiões desertas, com a missão de catequizar os povos nativos. Mas logo veio a mistura das raças: os nativos e os brancos colonizadores; e foram surgindo as pequenas comunidades. Logo os religiosos construíram casas, capelas, etc. Aos poucos iam criando um ponto que seria uma referência para os que moravam naquela região.

A exemplo disso, temos obras hoje conhecidas como museus a céus abertos, vislumbramos as igrejas e os casarões que encontramos nas cidades como: Olinda – Pernambuco, Salvador – Bahia , Ouro Preto – Minas Gerais , Laranjeiras e São Cristóvão – Sergipe.

Não foi diferente a origem de São Domingos, às margens do rio Vaza Barris, este grande rio que nasce no estado da Bahia e se completa com seu encontro no oceano Atlântico, na região de Itaporanga D’ajuda – SE. Rio ‘Pai’, que beneficia toda a população que habita às suas margens, com a sua água que serve para beber, principalmente, na região da Bahia.

Sabemos que a água não tem ótimo paladar, mas é utilizada para serviços domésticos e para o consumo de animais.

Este rio é um grande criador de peixe, que serve de sustento para aqueles mais humildes. Rio que vive no abandono, pois ainda não existem leis para protegê-lo, não existem projetos para despoluí-lo, não há respeito para o tempo da desova, utilizam veneno, que pouco a pouco o matam, mas utilizam de sua água para se banharem e de seus peixes para saciarem a fome, este rio não fica só, pois os seus visitantes estão sempre com os seus instrumentos de pesca: como a redinha, jererés, tarrafas, tresmaios e àqueles mais valentes pescam com as próprias mãos (pescador de toca).

É a contribuição da natureza para o nosso povo. É preciso que este povo seja companheiro e zele pela vida deste herói, deixando o verde, não colocando lixo no rio e pescando no tempo que não houver desova. Vamos dar vida àquele que nos ajuda a viver.

Nas margens deste grande rio, surgiu o tabuleiro de São Domingos, como ficou conhecida toda a sua extensão territorial.

Às margens do rio Vaza Barris, no local denominado fazenda Uberaba, que fica localizada na fronteira do município de Lagarto, foi criada a congregação de São Domingos. As matas eram muito densas, as chuvas eram constantes, e no inverno o rio passava até mais de seis meses cheio, e as suas margens se tornavam doentias para os homens. Logo vinham o aparecimento de insetos, que transmitiam doenças para todos e se tornavam mortais. As pessoas morriam de febre, disenteria, amarelão e outras doenças. Por isso toda aquela comunidade foi chamada a retornar para São Cristóvão, capital do estado de Sergipe e ficaram as casas abandonadas, que com o tempo viraram ruínas, com as chuvas todas as casas foram arrastadas pelas pequenas corredeiras e o seu fim foi as águas do rio Vaza Barris e o tabuleiro continuou abandonado, mas com surgimento da criação de animais, em sua maioria bovina, surgiram as pastagens nativas e a nossa região foi se tornando habitável, não havendo cercas para limitar os terrenos, os animais eram criados juntos e os proprietários

marcavam as reses, como até os dias de hoje são marcados, à ferro. Mas logo surgiu o interesse pela agricultura, começando assim as brigas constantes entre os agricultores (pois aquilo que era plantado por um, era comido pelo animal do outro), a solução encontrada foi estabelecer uma cerca que ia desde as terras de Chico Felix, no rio Vaza Barris, até a Tapera da Serra em Campo do Brito. Do lado de lá criavam animais e do outro lado era cultivada a terra.

Surgiu então um interesse comercial que foi despertado pelas cidades de Lagarto, Itabaiana e Campo do Brito, impulsionando, assim, a construção de estradas, que eram feitas para serem utilizadas por animais, onde antes os homens andavam com suas cargas nas próprias costas. Com o tempo o transporte teve um grande avanço: Criaram as estradas para carro de boi, mas o transporte em lombo de burro ainda era a principal forma para o transporte de cargas da região, sendo considerado pelos usuários como o mais veloz, sendo que, uma tropa de burros levava carga bem superior á transportada pelos carros de boi.

II–Origem de São Domingos



**LOCAL ONDE FORAM FEITAS AS PRIMEIRAS
CASAS**

No ano de 1924, início de verão, o Sr. José Curvelo da Conceição, residente no povoado da Tapera (Campo do Brito) teve a idéia de criar uma vila em sua comunidade. Para José Curvelo esta vila seria o ponto de fornecimento para as demais comunidades, facilitando, assim, a vida de todos, pois era muito cansativo ter que andar 12 Km até a sede municipal, (Campo do Brito) para ter que comprar um quilo de sal ou um litro de querosene. E logo ele saiu espalhando a sua idéia, uns a recebiam com seriedade, para outros servia como brincadeira, e ainda haviam os que achavam que Curvelo era louco, se fosse fazer

uma vila, não tinha dúvida que seria na Gameleira, lá a economia do povo era superior a dos próprios moradores da Tapera e para completar tinha homens renomados na região.

O Sr. José Curvelo dirigiu-se ao Entendente de Campo do Brito, o Sr. Arnóbio Batista de Souza e comunicou o seu interesse pela construção da vila, o entendente incentivou a construção e disse:

- José Curvelo é bom você escolher uma estrada grande e que tenha água minada.

José Curvelo respondeu:

- Sr. Arnóbio, na Tapera como é de conhecimento do senhor, tem uma estrada grande, que vai para as matas e o minador do rego possuindo uma água muito boa.

Seu Arnóbio disse:

- José, converse primeiro com o povo, depois você vem aqui e me fala.

Logo, Curvelo achou um parceiro que além de achar a idéia ótima se colocou a disposição para ajudar a construir a vila, este cidadão era o Sr. José Brasília, este, residente na região de Mulungu, começou a fazer campanha em prol da construção, surgindo assim uma nova opção para a construção da vila. A sugestão era que a vila fosse construída na estrada de Lagarto, perto do Brejo e encostado da Cruz da Saúde.

Com isso surgiram discussões de todos os lados e José Curvelo voltou a falar com seu Arnóbio, mas a

esta altura o Entendente já ficara sabendo sobre as divergências ocorridas entre moradores de povoados vizinhos, e seu Arnóbio então disse:

- José Curvelo, a vila deve ser feita na estrada de Simão Dias, que pega o cruzamento das matas com Lagarto e tem um lugar que fica perto do minador do Sapucaia.

Com isso, José Curvelo não tinha mais nada a dizer e ao chegar à Tapera disse que a vila ia ser no local indicado por seu Arnóbio, logo veio o protesto de alguns, mas mesmo assim, José Curvelo construiu a primeira casa e José Basílio construiu outra encostada. Estas duas foram feitas em frente, onde hoje fica o mercado, mas ficou nestas duas casas por algum tempo. Curvelo então se viu obrigado a chamar os demais para fazerem as casas, mas ninguém se interessava. Então em 1925 o Sr. José Ribeiro Andrade, aliado a outros comerciantes de Campo do Brito se somaram com Curvelo e Basílio e deram início a uma feira, com isso o interesse do povo foi despertando e a vila iria finalmente ser construída e povoada. Os comerciantes então deram dinheiro para Curvelo pagar alguns trabalhadores e outros foram voluntários.

José Curvelo mandou derrubar os pés de candeias, deixando ali somente os cajueiros. Depois do roçado pronto, os comerciantes saíram convidando as comunidades para a feira. No dia não apareceu

ninguém, nem comprador e nem vendedor, outras datas foram marcadas e o resultado era o mesmo.

Curvelo, já chateado chegou a uma solução, para começar a feira e o povo se interessar precisaria antes ter um vendedor de carne de boi, o problema era que ninguém queria arriscar.

Chamaram então Chiquinho Venceslau da Gameleira, para vender a carne, caso a carne não tivesse comprador iria ser dividida com algumas pessoas, e estas efetuariam o pagamento. E assim foi feito.

No sábado pela manhã, amarraram um boi no pé de um cajueiro e ao lado tinha uma pessoa que dizia aos que passavam: - Este boi é para matar amanhã na primeira feira. Logo cedo o Chiquinho Venceslau chegou junto com Severo da Gameleira, que era o responsável pelo abate do animal, e assim, os pedaços de carne foram pendurados nos galhos do cajueiro, e o boi foi cortado em cima de uma banca de madeira.

Para surpresa de todos, antes que a tarde chegasse não havia um só pedaço de carne à venda, o entusiasmo foi tanto que no domingo seguinte, além do boi foram abatidos alguns ovinos. E assim foram aparecendo comerciantes e compradores de Campo do Brito. Chegaram à feira comerciantes de *secos e molhados* pessoas ilustres na comunidade de Campo do Brito, era o Sr. José Ribeiro.

Logo apareceu Antônio Cajazeira com um moinho vendendo caldo de cana, então fizeram debaixo dos cajueiros uma palhoça coberta de galhos de pindoba e começaram a chamar de “feira da pindoba”, a fama foi correndo e chegou ao conhecimento de toda a comunidade, assim todos os comerciantes foram fazendo suas casas de taipa, cobertas de pindoba ou gravatá, tornando um ponto comercial, mas todas ao lado da palhoça.

Mas como tudo que é bom dura pouco, quando a feira da pindoba estava conhecida, em um domingo pela manhã, ela foi invadida por cavaleiros que se diziam empregados do Barão de Simão Dias, e que a ordem do Barão era acabar com a feira.

José Curvelo viu seu sonho correndo o risco de desmoronar, então tentou conversar com os homens, mas eles só queriam tocar fogo na palhoça e nas casas comerciais. Segundo os cavaleiros, a cisneira (Escritura) do Barão dizia que estrada de Simão Dias do rio Taboca ao Rio Vaza Barris pertencia ao Barão, neste caso, queria dizer que tirando o povoado de Tapera todo o restante do município, hoje São Domingos, eram do Barão. E começaram a puxar as pindobas que cobriam a palhoça, todos ficaram com medo e não sabiam a quem recorrer. José Curvelo era um homem simples, só argumentava, sem obter resultados, mas logo apareceu um líder, o jovem Antônio de Francilina, este tinha um temperamento diferente de Curvelo e foi ao encontro dos homens

dizendo para que eles fossem embora, pois se havia alguém que tinha poderes para acabar com a feira, esse seria ele, porque na cisneira de seus pais estava escrito, que até as águas do rio Vaza Barris estavam em terras que pertenciam a família Francilina, e com essa conversa Antônio de Fracilina deu um murro em um dos homens, derrubando-o do cavalo, então os outros cavaleiros tentaram agredí-lo, ficando o clima muito tenso. Como os comerciantes estavam em maioria os cavaleiros resolveram ir embora, mas deixaram uma ameaça pairando no ar: “da próxima vez nós viremos derrubar tudo”.

No outro dia José Curvelo foi ao encontro do Sr. Arnóbio relatar o acontecido, este tomou a seguinte decisão:

-Vou falar com o presidente do Estado o Dr. Maurício Gracho Cardoso (Presidente da Republica Velha) se tratando de um assunto contra um Barão eu não posso nada resolver, o Dr. Maurício então falou:

- Se a vila tiver cinqüenta casas feitas de taipa com porta e uma janela na frente e coberta de telhas eu reconheço como vila, vou mandar olhar e assim que estiver o resultado, resolverei com o Barão.

O Sr. Arnóbio chamou José Curvelo e disse: - Faça as casas logo, porque o homem vai mandar alguém contar e não sabemos quando e nem quem. Então deram início à construção. As casas eram feitas em mutirão, durante a semana, uns tiravam a madeira do mato, outros cavavam buracos, outros davam as

telhas e no sábado começava a festa. Logo cedo chegaram as bebidas e o arroz doce, alguns deram a carne de suínos, que foi logo cozida, e serviu como alimento para todos, a construção tornou-se uma festa, quando foram parar tinha quase 60 casas, fizeram além da praça da feira, as ruas do Brito (Deputado Francisco Vieira da Paixão) e de Simão Dias (Presidente Costa e Silva), eram casas estreitas, que tinham 2.5 metros de largura e no mínimo 3 metros de comprimento, eles faziam, a parede da frente, as duas das laterais e cobriam, colocando somente a janela e a porta da frente, dando assim a casa como pronta. Depois, se alguém se interessasse em morar, era só fazer a parede de trás e dividir a casa. Aproveitando as construções, fizeram um barracão para a feira coberto de telha, estas construções tiveram apoio dos comerciantes, do Entendente e do povo em geral. As casas estavam prontas, mas mesmo assim, a população tinha medo de outra invasão até que um dia o Sr. Arnóbio recebeu um telegrama do Dr. Maurício Gracho Cardoso dizendo que na seguinte data viria em Campo do Brito e seguiria para Simão Dias a cavalo.

Durante a semana, a vila era deserta, às vezes visitada por tropeiros que vinham de Itabaiana para Simão Dias ou em sentido contrário, e faziam do barracão um lugar para descansar durante o meio dia ou mesmo para pernoitarem.

Em uma quarta-feira o barracão foi invadido por soldados, uns montados a cavalo, outros a pé,

estes militares saíram de Campo do Brito para Simão Dias, aparando os galhos nas estradas e tapando os buracos, e ao meio-dia pararam no barracão para descansar e almoçar. Logo se espalhou o comentário na região que os soldados estavam procurando os rapazes para irem a guerra, deles que ficaram nos matos por vários dias.

Com poucos dias chegou uma comitiva com Dr. Maurício Gracho Cardoso, que veio até Campo do Brito de automóvel. Após as recepções Dr. Maurício Gracho Cardoso deixou o carro e veio montado em um animal, a escolta policial que o acompanhava era grande e aqui chegando, ele começou a contar e ao chegar em cinquenta casas, ele virou-se para Sr. Arnóbio e disse:

- Ninguém acaba mais com esta “feira nova” e seguiu viagem.

Com isso, começaram a chamar de “feira nova”, em janeiro de 1926 realizou-se a primeira festa de final de ano, que na realidade acontece no início do ano, como a atual festa, só não sabemos se estamos comemorando o natal, a passagem de ano ou Santos Reis, que em todo o país é comemorado no mês de Janeiro.

Houve muitas mudanças significativas durante o desenvolvimento da pequena vila, uma delas foi a transferência da feira do domingo para o sábado, tínhamos uma grande concorrente, que era a feira de Olhos D’água, município de Lagarto que era realizada

também no domingo, maior e mais tradicional, em virtude disso a cada dia que passava, a nossa feira diminuía.

A feira realizada no sábado, mantém-se até os dias de hoje.

III – Os primeiros moradores



José Curvelo e Família, José Basílio, Pedro Calaço, Dona Rosa de Ioiô, Justiniano Bispo dos Santos (Piano), este, era da região das matas e veio a residir em um sítio que ficava no local denominado de Lages (Estrada de Simão Dias). Era micro latifundiário, mas, se levarmos em consideração a

pouca área de terra que possuíamos em nosso município, ele era considerado como fazendeiro e grande comerciante de peles (de ovinos, caprinos e couro de boi), ao se transferir para a vila se tornou o dono da bodega, na época era um homem economicamente estável. A sua mudança do sítio para vila foi marcada por uma grande tragédia, ele viu de uma hora para a outra o falecimento da sua esposa e da maioria dos seus filhos restando apenas três: Acrísio, Oscar e Otacílio. Segundo informações, naquela época surgiu uma doença denominada “palidez” que assolava a região, as pessoas ficavam pálidas e começavam a inchar, perdiam as energias e pouco tempo depois faleciam. Em se tratando de criança, a morte era mais rápida, nas famílias que tinham muitos filhos, ocorria que muitas vezes a família ia enterrar um e quando voltava para casa já tinha outro morto. O Sr. Piano já mandava fazer caixão de sobra, dizem que certo dia, foram enterrar uma criança e o menino Acrísio ficou acabando de morrer, mas tiveram que quebrar o caixão, porque Acrísio até hoje é vivo e forte. Sobre Oscar, sua morte foi trágica, ele saiu de casa e foi tomar banho no rio e lá morreu afogado, já Otacílio reside na região de São Paulo.

Outro fato curioso sobre morte, era que os pais com melhores condições de vida, mandavam fazer caixão com armação de madeira (Umbaúba) por ser madeira mole que não abria com os pregos, e por fim

cobriam com tecido. As pessoas de menor condições financeiras, eram enterradas enrolados em uma rede de tecido, o corpo era levado dentro da rede pendurada em um pedaço de pau, que eram levado por dois homens. Já as crianças pegavam a gaveta de alguma mesa ou caixa de papelão e colocavam o corpo da criança para ser enterrado, eu ainda vi.

Naquela época, surgiu um surto de cólera e não havia controle da doença, morreram muitas crianças e adultos. Como não se tinha informação sobre o contágio a doença se alastrou, e por pouco não houve uma tragédia.

Dizem que quando morriam de cólera, levavam o corpo para a vala do cemitério, mas o corpo só era coberto no dia seguinte. Um fato curioso ocorreu. Contavam que um dia, ao chegarem à Cruz da Saúde tinha uma criança que pensavam estar morta, brincando com os mortos, o susto foi geral, mas trouxeram-na para casa, só vindo a falecer bem velha.

Na cultura do nosso povo, cólera era uma doença que não deveria ser sequer pronunciada, mesmo os adultos ao falarem, eram repreendidos, por medo de que ela voltasse a contaminar.

Pedro Calaço, era um homem muito conhecido que antes de vir morar na vila, residiu em seu sítio no povoado que hoje é conhecido como Campanha. Pedro Calaço era viúvo e casou-se com Dona Josefa, esta, junta com sua amiga Dona Dudu foram as primeiras doceiras da “Feira da Pindoba”.

Rosendo, genro de José Curvelo, Senhor de Salomé, que morava próximo a Rosendo e depois foi morar no povoado Campanha.

Antônio Cajazeira o homem do caldo de cana, chegando logo depois o Dr. da vila, o Sr. Vitório, receitava os remédios para os doentes e fazia os próprios remédios à base de raízes e folhas das árvores que eram chamadas de “garrafada”. Se o remédio não servisse, ele resolvia rezando o paciente, e se achasse que a doença fosse coisa de feitiçaria, ele também dava uma de ”pai de santo”.

IV – Festas

A Feira da Pindoba teve a sua primeira festa no mês de Janeiro de 1926. Uma tradição cultivada até os dias de hoje. Na primeira festa, tinha muito carvão vegetal da queimada que fizeram para a criação da vila, as pessoas que participaram da festa viram as suas roupas sujas de carvão. Em início da década de 30, surgiu uma festa que passou a ser importante para esta comunidade, era comemorada no dia 3 de Maio, não durou muito e a população acabou esquecendo-a. Então na década de 60, apareceu a festa do Padroeiro São Domingos, no início de agosto, a data vinha sendo marcada pela vontade dos organizadores da festa e não no dia exato do Santo; recentemente a igreja vem cumprindo o calendário certo, dia 8 de agosto.

No início, a festa do padroeiro era quase esquecida, não havia a participação total da população. Lembro-me que os organizadores saíam pedindo ajuda nas casas para bancarem a festa. O resultado nem sempre era suficiente, pois ao chegar o dia da festa se comemorava com poucas dúzias de fogos, mas, com a emancipação de São Domingos, a sociedade começou a se organizar, e o poder público a apoiar as comemorações, e, hoje, nos orgulhamos da grande festa de nosso padroeiro.

E com isso, a Festa de Santa Cruz desapareceu. Na festa de Santa Cruz eram feitas novenas nas casas,

durante o período festivo, e no dia 3 de maio durante todo o dia haviam rezas e fogos de artifício na Cruz da Saúde, hoje, cemitério da Saúde. Quero lembrar, que era tradição de nosso povo comemorar com novenas aos pés da Santa Cruz, como por exemplo, a Cruz do Semião na Mangabeira etc. Mas com o tempo estas comemorações foram caindo no esquecimento.

A festa de Santa Cruz tinha como seu organizador, o Sr. José Júlio Filho.

A festa de Janeiro o prefeito marcava o dia e era uma festança com muita gente, mas tudo no escuro e no início sem estradas e rodagens, depois com o desenvolvimento, foram fazendo as estradas para pequenos carros, as pessoas que vinham para a festa começavam a chegar já na quarta-feira pela tarde e chegavam para hospedar-se na casa de parentes e amigos, com isso o povoado começava a mudar de cara. Os moradores pintavam e lavavam as casas, limpavam os móveis, enquanto isso as costureiras faziam roupas e as doceiras faziam doces e preparavam tudo para receber os visitantes. Quando eu era menino, via todo este trabalho em nossa casa, minha mãe convidava as mulheres para ajudar no serviço.

Lembro-me de Maria Calaço que era uma senhora que toda vida teve um excelente relacionamento com a nossa família, era uma das encarregadas de fazer os doces, era uma festa. Antes

do evento, todos ajudavam aos outros. O velho Cecílio que era o único morador daqui, que era proprietário de balanços e ondas e também era o fabricante de seus brinquedos. O velho Pedro Funileiro de Itabaiana que um mês antes chegava com seus barcos com armação de madeira e outro senhor que vinha com a sua roda de cavalinho, estes dois eram responsáveis pelo parque da festa, mas, com o tempo, Pedro funileiro passou a ter uns concorrentes. Apareceram outros barcos, mas a turma de garotos ainda dava preferência ao Sr. Pedro, pela tradição.

Em mês de Janeiro, choveu muito à noite, e no outro dia a barragem amanheceu cheia e, como não tinha energia, os meninos resolveram levar os seis barcos que não estavam amarrados para a barragem, e assim apareceram muitos meninos que foram responsáveis pelo transporte, cada barco com quatro meninos e foi uma festa, mas os barcos eram pequenos e tinham alguns buracos, o resultado foi que eles afundaram. Pela manhã o homem veio armar os barcos, mas ao chegar não os encontrou, e logo foi informado que foram os moleques que os levaram para a barragem, o coitado foi ao Prefeito Valdomiro e disse:

- Se os meus barcos não aparecerem eu vou sair espetando esses moleques de dois a dois com esta faca. E quando puxou a faca Percílio ficou falando, repetindo varias vezes e rindo, vendo a faca, dirigiu-se a Valdomiro dizendo:

- Pereira isto é uma faca ou um serrote?

E ficou repetindo: O homem irado, quis espeta-lo, foi quando Percílio disse:

- E ele fura mesmo! .

Com isso, Valdomiro disse:

- Guarde logo esta faca, se não eu mando o delegado tomar e guardar.

E virando-se para José de Percílio, que ele sabia muito bem, que quando não fazia, sabia quem tinha feito, então disse:

- Chame os meninos e vão buscar os barcos, não quero saber se você levou ou não, quero que vá buscar, sendo assim não demorou muito para que os barcos fossem entregues ao dono.

Outra novidade era o sanfoneiro João Pessoa, este era responsável pela animação da festa, se ele não viesse não tinha festa, João Pessoa chegava na sexta-feira pela tarde acompanhado com as dançarinas, ele tocava uma sanfona pequena chamada de pé-de-bode, lembro-me que era um velho de estatura baixa, tinha uma barriga grande e os lábios grossos, sendo que o lábio inferior arriava, tocando o repertório com poucas musicas, a dança se estendia da sexta-feira à tarde até o domingo pela manhã, era um sanfoneiro muito famoso.

Eu costumava ouvir das pessoas mais velhas que ele não tocava só, recebia ajuda do demônio, e as pessoas diziam que o pé-de-bode tocava sozinho.

Outra curiosidade era que a festa de janeiro tinha de acabar meia-noite, era uma tradição. As crianças só andavam na festa até no máximo 21hs, pois logo tinha que se recolher, mas à meia-noite todo mundo acordava com gritos e correrias do povo, depois se ouviam apitos dos guardas. Pela manhã todos levantavam curiosos para saber quem bateu e quem apanhou e quem estava preso, com estas brigas os comerciantes acabavam no prejuízo porque as mercadorias ou eram roubadas ou pisoteadas.

Nesta festa, a maioria dos comerciantes vendiam doces, pães, arroz-doce e arroz com galinha (prato tradicional). A pessoa que fosse para a festa e não saboreasse essas guloseimas, não tinha participado da festa, e havia ainda aqueles que não podiam ir, mas encomendavam a parentes ou amigos as famosas cocadas, bolachinhas e pés-de-moleque. O maior sucesso foi com o aparecimento do picolé de Sr. Milton, pois todos queriam provar o doce gelado, era um picolé danado de gostoso, inclusive há quem diga que houve um cidadão, que ao final da festa resolveu levar um picolé para casa, para que a sua esposa pudesse saborear, ele enrolou em um papel e pôs no bolso, sentiu frio, mas não se importou, pois sabia que era gelado, mas não esperava que desmanchasse e seguiu viagem, ao chegar em casa a mulher abriu a porta para ele entrar e disse:

- O que foi isso fulano! Você estava urinando?

Ele disse:

- Não, eu comprei um docinho para você, mas quando tirou o picolé do bolso só restava o palito.

Outro doce que também fazia sucesso era o quebra-queixo de seu Pedro, era uma cocada dura.

Tinha a garrafinha, que era um refresco que seu Pedro preparava na hora e enchia umas garrafas de meio litro. Os festeiros vinham a pé, outros no lombo dos animais e alguns nos carros de boi e na segunda-feira pela manhã partiam para suas residências.

Outra festança era a queima dos judeus (bonecos e bonecas de pano), acontecia no Sábado de Aleluia e simbolizava a vingança daqueles que traíram a Cristo. No Sábado de Aleluia, eram feitos vários Judeus, acompanhados com suas digníssimas esposas, durante o dia desfilavam montados em animais e pela noite era feito o sacrifício do casal, primeiro uma pessoa fazia a leitura, deixando os bens do casal como herança para todos os moradores, depois ateavam fogo ao boneco, que por dentro estava recheado de bombas.

V - Economia



MODELO DAS PRIMEIRAS CASAS DE FARINHA

A economia de São Domingos é baseada na farinha de mandioca, nos destacamos entre os primeiros produtores do estado de Sergipe, mas, como não temos o controle da produção do nosso município, não podemos afirmar ao certo quanto produzimos; como o nosso produto sai do município de maneira clandestina, os mercados de Aracaju e Itabaiana que recebem a nossa produção, além de se beneficiarem com os impostos arrecadados, ainda recebe a denominação de “Produtor”. Talvez a importância do ICMS gerado por nossa farinha, seja pouco se comparado com outras fontes de renda daqueles

grandes municípios, mas, para nós que somos um décimo do município de Itabaiana, seria muito significativo.

Este tipo de comercialização chamada de “formiga” se transforma num grande vilão, pois além de não arrecadarmos impostos, os nossos produtos não chega às mãos dos grandes compradores, sendo assim, os preços caem e o produto sai de nosso município direto para os atravessadores a preços módicos.

Hoje, as duas grandes fontes de renda do nosso povo são a prefeitura e as casas de farinha.

Outro fato que nos deixa apreensivo, é a importação da mandioca.

Se o Estado da Bahia começar a industrializar este produto, com certeza irá faltar nas nossas casas de farinha, com isso, o nosso município estaria com sérios problemas.

Necessitamos de outras fontes de renda, incentivos à produção, criação de gado de confinamento, etc.

Temos uma boa mão-de-obra, voltada para a construção civil, estes, são grandes responsáveis pela nossa economia, em sua grande maioria trabalham fora do município, mas trazem todo o seu ganho para a nossa cidade, onde reside com sua família.

VI - Produção agrícola



PLANTAÇÃO DE MANDIOCA.

Além da farinha de mandioca outros produtos que tiveram grande influência na nossa economia como a castanha de caju, o fumo de corda e a pesca, estar entre as demais, ainda hoje é uma fonte de renda para algumas famílias. No passado a sua produção era maior, mas, são visto no sábado em nossa feira ou mesmo na semana as pessoas vendendo peixe, e não esquecendo que a feira de Campo do Brito era uma das maiores consumidores do nosso pescado, que

temos como o principal entre os pescados os camarões ou pitu. Mas a região que o povo mais se destacou para a pesca foi o povoado Mangabeira, pela sua aproximação, com o rio Vaza Barris. Ainda hoje temos grandes pescadores como: “Juzinha da Mangabeira” e “Cido da Tapera”, e não esquecendo os maiores de todos os tempos, Sr. Ranulfo e os saudosos Deusdete e Dona Clara.

As nossas terras eram na sua maioria cobertas de fruteiras e o cajueiro era o carro-chefe, com isso a produção de castanha de caju, tinha um papel de muita influência na nossa economia, era visto carradas e mais carradas de castanha de caju indo para outros mercados e, principalmente, para Fortaleza no Ceará.

Mas houve um tempo em que a farinha de mandioca teve um preço razoável durante alguns anos, com isso começaram a derrubar os sítios e a mandioca ocupava o espaço, mas mesmo assim, ainda hoje, temos uma pequena produção de castanha que tem uma participação significativa na nossa economia.

O fumo de corda também teve grande participação em nossa economia, sabemos que o povoado tapera e campanha quase por toda sua totalidade só cultivava a plantação de fumo. Estes dois povoados seguiam os costumes do interior de São Paulo e do estado do Paraná, os homens iam trabalhar naqueles estados e quando retornavam seguiam os mesmos costumes, mas as feitas de fumo eram umas

verdadeiras festas, só faziam nos dias de domingo ou de Guarda (dias Santos).

Faziam um batalhão, ou seja, uma reunião, e todos os plantadores de fumo iam a uma casa e naquele dia transformavam as folhas do fumo em corda. Era muito trabalho, mas no final o produto estava pronto para a comercialização ou mesmo consumir. Naquele dia toda a safra daquele agricultor era pronta e no domingo seguinte iam para a casa de um outro fazer o mesmo serviço e assim todos eram servidos.

Nas feitas de fumo, além dos que trabalhavam, ainda iam os penstras, porque durante todo o dia a festa era regada à cachaça, arroz-doce e muita comida. E todos os presentes, tinham direito de se servirem, mas o pico alto da festa era ao meio-dia em diante, que começavam a cantar. Em todas as feitas de fumo tinha um trovador de versos, e os demais cantavam acompanhando.

Entre tantas as cantigas, uma era a que mais se destacava.

Cantavam assim: “Ó lilí, ó lalá; coqueiro seco pendeu, deixe cair, deixe quebrar; coqueiro seco pendeu, deixe cair; deixe cair, pendeu para a beira do mar”.

Em seguida alguém tirava os versos com os presentes, e depois todos cantavam: “Ó Lili ó lalá”...

Hoje em nosso município não se planta um só pé de fumo.

Já nas feitas da farinha não tinha esta farra toda, porque quase todos os moradores da zona rural tinham a sua pequena casa de farinha, que era utilizada de vez em quando porque a produção era menor e outros só faziam farinha para o consumo próprio e todo o trabalho era feito com a família, as casas de farinha eram totalmente artesanais, tinha um forno feito de barro, uma prensa feita em uma tora de pau e para ralar a mandioca se usava uma roda grande (rodete) com um cordão chamado de veio, dava impulso a uma bola, com uma velocidade grande esta bola com uns dentes de ferro conseguia cortar a mandioca que em seguida ia para prensa e depois peneirar em uma peneira de palha que por último ia para o forno.

Todo este trabalho era feito a braços de homem, muito se trabalhava e pouco se produzia.

VII – Escravos

Na região da Tapera morava Sinhozinho da Cruz, homem muito educado. Era um fazendeiro da região, depois as suas terras foram loteadas e hoje o local onde ficava a sede da fazenda fica Sítio Boa Vista que é a residência de sua neta, Josefina de Toinho.

Nas margens do riacho Taboca era criado o gado e tinha um grande plantio de algodão, na época uma das maiores fontes de renda da região.

Conheci os três filhos de Sinhozinho da Cruz: o Sr. Melquiades da Cruz Passos (Ioiô), Sinhô do Rio e Zezé de Dona Nusca, pai de Everaldo.

Sinhozinho da Cruz foi criado nos braços dos escravos, os quais herdou de seus pais. Segundo informações, era um senhor um tanto quanto piedoso, não judiava, e tinha uma visão de que os escravos eram humanos e não animais irracionais. Diziam que naquela época a maioria dos escravos das outras senzalas, desejavam ser comprados por Sinhozinho da Cruz.

Existiam escravos da casa (aqueles que faziam os serviços domésticos).

Com o surgimento da lei Áurea, as coisas não mudaram muito, pois alguns escravos continuaram nas senzalas até a morte, pois ainda não estavam preparados para viverem livres.

Falando nos filhos de Sinhozinho, todos têm estima da população de São Domingos, mas vou falar daquele de quem mais tive aproximação: sobre o Sr. “Ioiô”, deste éramos quase vizinhos, e todas as tardes ele sentava na cadeira de palhinha que era colocada na calçada da sua casa. Eu menino, me sentava no chão ao lado dele, e dizia:

- Seu “Ioiô” conte umas estórias!

E ficava ali encantado com as estórias que eram contadas por ele.

A tarde passava depressa.

Seu Ioiô era casado com Dona Rosinha, esta foi uma viúva rica, nascida no povoado Pé-do-Viado, em Itabaiana, era dona da fazenda do ‘Paca’ no município de Lagarto, e possuía uma outra que hoje pertence a Matias Temóteo.

Sr. “Ioiô” era um homem de costumes nobres, falava baixo, não respondia com agressividade a ninguém, era um exemplo de cidadão.

Lembro-me que todas as tardes ele vestia uma roupa fina de listras azulzinhas, era roupa muito fresca, parecia pijama, e sentado naquela cadeira, ouvíamos sempre as pessoas que passavam cumprimentando-o.

- Boa tarde seu “Ioiô”! Está tomando fresca?

E ele respondia:

- Boa tarde! É que a fresca tá boa!

Dona Rosinha era irmã de Joãozinho Tavares, um grande comprador de algodão, que residia em Itabaiana.

Uma das coisas que eu mais admirava, era a amizade e o carinho que Dona Rosinha tinha com Sr. Ioiô, ela tinha um cuidado com ele que parecia mãe com uma criança recém-nascida. O velho Ioiô pela sua bondade, teve toda vida de uma criança feliz.

VIII – Campo do Brito e a emancipação política de São Domingos



**PREFEITURA DE CAMPO DO
BRITO**

Sabemos que Campo do Brito foi um grande município, com a sua área, chegando a aproximadamente 700Km, mais com a separação dos seus quatro povoados que deram os nomes de Pinhão, Macambira, Pedra Mole e São Domingos, sendo este, o último a se desligar de Campo do Brito. Na verdade, a influência britense se dava em sua maioria ao

comércio, pois nas feiras realizadas nos municípios os comerciantes que ali vendiam eram de Campo do Brito. No entanto, isso logo foi contornado, pois em cada cidade as feiras começaram a ser povoadas por comerciantes locais. Até hoje, São Domingos necessita de serviços que só são oferecidos em Campo do Brito, o sistema bancário, por exemplo: Campo do Brito possui agências, enquanto a população de São Domingos dispõe apenas de um posto de atendimento, que funciona da forma mais precária possível.

Dependemos também do setor judiciário, desde o registro das crianças (São Domingos ainda não possui um cartório), até a contagem dos votos da cidade. , mas quero ressaltar que a vontade das pessoas é que tudo de bom venha para nossas casas, e o nosso município estará completo quando puder contar com o funcionamento em sua sede dos três poderes.

Outra grande necessidade que temos, é a de termos uma paróquia, que bom seria se São Domingos pudesse contar com um vigário exclusivamente nosso.

Somos uma comunidade, erguida às margens de uma rodovia que liga duas grandes cidades do estado, somos uma população inteligente e trabalhadora, não podemos cruzar os braços e deixar as coisas acontecerem. Se não lutarmos pelo desenvolvimento do município, ele com certeza estacionará. Uma cidade precisa de boas escolas, paróquia, bancos, telefone, hospital, área de lazer e mercado de trabalho

para podermos ganhar o pão com dignidade, cartórios, etc. Isto é a necessidade básica para sermos uma cidade. Sei que muitas pessoas ao lerem o nosso livro, vão se perguntar se em todas as cidades possui estes serviços, respondo: não! mas não podemos pensar, por que outras não têm, nós não poderemos ter, São Domingos economicamente possuem todos os requisitos básicos para crescer, depende do interesse dos nossos representantes

O progresso para São Domingos irá chegar com muita força. Mas graças a Deus, quando éramos povoados do Campo do Brito fomos servidos com prefeitos de uma qualidade exemplar, como Arnóbio Batista de Souza, José Freire de Lima (Juca), Emeliano José Ribeiro, Francisco Vieira da Paixão, Graciliano Apolônio da Fonseca, Osvaldo Lemos de Almeida e outros que vieram com o surgimento da nossa independência, os nossos representantes se comportaram dentro da normalidade. Não tivemos aqueles coronéis que comandaram com mão de ferro, chegando ao poder através da violência. Temos a esperança que aqueles que venham a surgir como nossos representantes, sejam um espelho de tudo que é bom para o nosso povo, que não nos envergonhe, não se considerem vitalícios, pois o poder não tem dono e aqueles que fizeram o bem, deterão no seu interior a paz de espírito e o reconhecimento de todos, fazendo com que mesmo depois de sua morte, a sua história continue viva, engrandecendo e honrando,

já aqueles que só fizeram o mal, serão doentes e odiados por muitos e após a sua saída do poder, envergonharão os seus para sempre.

IX - Como surgiram as rodagens



PONTE DO RIO VAZA BARRIS

São Domingos era conhecida como o final de linha, não havia rodagens que cortassem nosso município, era uma continuidade de Campo do Brito, se tornando um beco sem saída. Mas, nos anos de 1958, tomava posse o Prefeito de Campo do Brito, Sr. Graciliano Apolônio da Fonseca, amigo do Dr. Leandro Maynard Maciel, todos da UDN, fez então um pedido ao governador, para que fosse feita a ligação de Campo do Brito à Lagarto. Mandou que fizessem os estudos, mas em se tratando do final do mandato do governador, não houve tempo nem

condição de fazer, ficou no projeto, pois não houve tanto interesse do novo governador. Então, após quatro anos, o Dr. Leandro se lançou candidato a governador e para seus amigos já era considerado vitorioso, então quando abriram as urnas, João Seixas Dórea ganhou, e tudo voltou à estaca zero.

Ficando apenas a esperança.

Em 31 de Março de 1964, João Seixas Dórea é afastado do governo e preso, surgindo então o golpe militar. Assume o governo o seu vice, Celso de Carvalho, com isso, os governadores passaram a ser biônicos (ou seja, indicados pelo Presidente da República) e não votados pelo povo.

Em 1966 assume Lourival Batista, em 1970 João Andrade Garcez e em 1971 o governador é o professor Paulo Barreto de Menezes, este foi o responsável pela construção da estrada ligando Campo do Brito a Lagarto.

Primeiro deram início à construção da ponte do rio Vaza Barris e da abertura da estrada de São Domingos a Campo do Brito, que antes era estrada pela Gameleira e Pilambe, depois foi construída a ponte da lomba e a dos riachos, esta estrada foi construída e entregue ao povo no mesmo governo, na sua inauguração ela foi benzida pelo Frei Damião, foi ele o primeiro a passar pela ponte do rio Vaza Barris, fazendo o trajeto dos 250 metros a pé. Neste dia foi muita festa, a rodagem ainda era de piçarra.

Ao final do governo, Augusto Franco saiu para candidatar-se a Deputado Federal, assume então o seu Vice, Djenal Queiroz, que imediatamente fez a estrada ligando a SE – 110 a sede do município.

Antes vários eram os contratemplos enfrentados pela população, os riachos enchiam dificultando a passagem das pessoas, tornando os moradores prisioneiros e para completar, faltavam alimentos, pois tudo vinha de Itabaiana e Campo do Brito, os caminhões que traziam mantimentos às vezes passavam para Campo do Brito e outras cidades mas quando retornavam não conseguiam atravessar os riachos, os passageiros então tinham que dormir em cima dos caminhões, aqueles que sabiam nadar tentavam chegar ao outro lado, haviam aqueles que não sabiam nadar, mas se arriscavam a atravessar agarrados com o Sr. Amário do Pilambe, que era o nadador oficial.

O fato mais engraçado acontecia no sábado, no mercado tinha carne, mas não tinha nem gente e nem cereais, se alguém se atrevia a atravessar com mercadoria e conseguia chegar na feira, vendia tudo caro, ocorreram vezes em que o único caminhão da feira chegava no final da tarde, com poucas mercadorias, uma grande parte molhada e assim mesmo vendia, na segunda feira a população mandava fazer compras na feira de Macambira .

Um dia de domingo, o time “Sport Clube São Domingos” foi jogar no povoado de Mocambo,

município de Frei Paulo, e assim que o time entrou em campo, a torcida observou que as nuvens do lado de cá estavam escuras, todo mundo ficou preocupado, assim que terminou o jogo jogadores e torcida vieram embora, não caiu uma única gota de chuva, no entanto ao chegar na lomba estava cheia, nas imediações de Lagoa Seca e Terra Vermelha, a chuva já havia inundado tudo, resultado: os que não sabiam nadar tiveram que dormir em cima do caminhão e a carga que estava pronta para ser vendida na feira de Carira, não pode viajar.

Numa tarde, o então governador Lourival Batista, veio a São Domingos e ao chegar no riacho da lomba, o prefeito Valdomiro Pereira dos Santos acompanhado com Manoel Alves da Silva (Cari) pararam os veículos e fizeram um relato ao governador do quanto que a enchente daquele rio prejudicava a vida da nossa população.

Na comitiva do governador estava o diretor do DER (Departamento de Estradas e Rodagens) o governador ordenou que fosse construída o mais rápido possível aquela ponte, sendo assim, em poucos dias construíram uma ponte de madeira, ponte esta, que só passava um veículo e tempos depois veio o concreto.

X – Relação com os outros municípios

Desde a sua origem, a população de São Domingos tem um grande relacionamento com a população de Campo do Brito e Itabaiana, já com os moradores de Macambira quase não temos contato, o principal motivo é o fato de que não há um interesse de ambas as partes em ir e vir.

Vejamos, Macambira na área comercial não tem nenhum atrativo, no entanto, São Domingos, recebe pessoas de Macambira que comercializam seus produtos em nossa feira, mas nós pouco negociamos em Macambira com isso torna-se a ligação um pouco limitada.

Sabemos que a quantidade de pessoas que se deslocam de São Domingos para Itabaiana é muito grande, o mesmo não acontece com o município de Lagarto, embora tenha a mesma distância, a sua comercialização com Lagarto deve variar entre uns 10% do que se faz em Itabaiana. Já o relacionamento do município de Campo do Brito com São Domingos, pela nossa história, é uma comunidade que consideramos uma só família.

Observamos que mesmo com a estrada que ligou São Domingos a Lagarto e que tem algumas dezenas de anos, é pouco para quebrar a barreira entre estes povos. Esperamos que no futuro sejamos grandes parceiros.

XI – Costumes

Na verdade, a nossa comunidade tinha costumes muito diferente dos de hoje, visto que a cada dia que se passa, a tendência de tudo é mudar, este é o preço pago pelo desenvolvimento. Como exemplo disso teve a invenção da televisão, do vídeo cassete etc., principalmente nas grandes cidades e com isso o tempo se encarrega de envolver a todos.

A primeira televisão de São Domingos era do Sr. João Neto, era uma TV em preto e branco, usava uma torre de ferro muito alta, e o canal era da Bahia, ele colocava a TV na janela, e à noite o pessoal assistia a tudo do lado de fora da casa, mas logo outros moradores também adquiriram aquela invenção. Antes disso tinham os rádios, eram aparelhos grandes, abastecidos por bateria, era um transtorno para os poucos proprietários desse aparelho, além do consumo ser grande, toda semana tinham que levar a bateria para carregar em Campo do Brito, como a fila para carregar as baterias era grande, o proprietário precisava dispor de um dia inteiro para esperar, ou então deixava-o lá em um dia e ia pegá-lo no outro, sendo que tudo isso era feito no lombo do animal.

Naquele tempo, se ouviam novelas no rádio, a exemplo de Irmãos Coragem, etc. Os vizinhos se reuniam para escutar a rádio de sua preferência, tinham até aqueles programas, como “forró no

asfalto”, que começava as 08:00, com Clemilda e Gerson Filho, tinha o informativo cinzano as 12:25h com Silva Lima, este falava das principais notícias de Sergipe, do Brasil e do mundo, às 13:00h tinha o programa de perguntas e respostas com Silva Lima e Sinara e as 15:00h acontecia a transmissão da seção da assembléia legislativa do Estado de Sergipe, às 19:00h a Voz do Brasil, estes eram os programas de maior audiência nos rádios sergipanos. Nós tínhamos três rádios operando no estado, a Rádio Cultura, Liberdade e a Difusora e depois surgiu a rádio esperança da cidade de Estância, o programa que mais chamava a atenção da população era a transmissão da seção da Assembléia Legislativa, o povo acompanhava atento aos pronunciamentos dos deputados.

Lembro-me do Sr. Valdomiro Pereira dos Santos; sentava-se em uma cadeira de fita com o rádio ligado e logo era cercado pelos seus correligionários para ouvir a palavra dos deputados, os deputados daquela época faziam questão de estar presentes e de ocupar a tribuna, inclusive o deputado Francisco Vieira da Paixão era um dos mais bem votados na região devido a grande amizade com o Sr. Valdomiro. Já no partido de oposição, havia o deputado “Ribeirinho” do município de Lagarto, então quando o deputado da oposição começava a falar na tribuna, as pessoas que estavam sentadas ao lado do Sr. Valdomiro começavam a fazer severas críticas, mas quando era o deputado Francisco Vieira da Paixão que

tomava a palavra, começavam os elogios. Um fato curioso era que o debate dos deputados no plenário dava margem aos eleitores de São Domingos também formularem suas discussões.

O Deputado Paixão sempre usava a tribuna para defender ou para pedir algo para seu chamado reduto político e sempre falava no nome dos chefes da comunidade que lhes apoiavam.

Naquela época quando um deputado subia ao plenário e prometia esta ou aquela benfeitoria na comunidade, você podia escrever com tinta de ouro, que mais cedo ou mais tarde o benefício saía.

Quando o governador ia dar uma entrevista coletiva às emissoras de rádio, anunciavam uma semana antes e a audiência era grande, tudo o que o governador falava, não sei se por força do regime militar, ou pela personalidade dos homens públicos, era implantado em seguida.

Em relação ao lazer, o nosso povo se divertia muito, tínhamos bons circos, boas touradas e vários encontros de final de semana, estes aconteciam por conta de reisados e leilões. Os circos eram encarregados de trazer bons artistas da época, além dos bons palhaços, trapezistas, rumbeiras e a parte teatral no encerramento do espetáculo.

Nas touradas, eram homens lutando com os bravos touros, os artistas desfilavam com elegância, o circo e as touradas estavam em alta, mas, o que chamava a atenção de todos, eram os palhaços, estes

sim, eram os donos da festa, tanto no palco, como no dia-a-dia que estavam acampados em nossa cidade, matando a todos de tanto rir, nessa época no circo não tinham carros de som, os palhaços eram os encarregados de convidar o povo. Funcionava basicamente assim: Quando o circo chegava, logo uma grande quantidade de meninos se apresentava para acompanhar os palhaços, então no primeiro dia de apresentação, pela tarde, os meninos iam ao circo para se encontrarem com os palhaços, eles acompanhavam os palhaços, todos de cara pintada, o salário que recebiam por este serviço era a entrada grátis, assim, durante todos os dias em que o circo ficava armado na cidade, o palhaço saía à pé acompanhado pelos meninos, alguns iam brincando em cima de roda de bicicleta, outros sobre pernas de pau, pernas essas tão altas que quando o palhaço queria descansar, ele sentava nas marquises das casas.

Lembro-me de algumas cantigas da época: o palhaço dizia: - Nem chuva nem sol, nem sol nem chuva! E os meninos respondiam: Tabaréu de guarda chuva! Isso porque era comum que homens e mulheres andassem com guarda-chuva, ou sombrinhas, penduradas no braço. O mesmo acontecia com o chapéu que era usado pelos homens, e o pano de cabeça (toalhas) que as mulheres usavam.

Os palhaços então diziam: - dona Mariquinha, se eu pedir você me dar? E os meninos atrás

respondiam: -Uma cama para dormir e um pinico para mijar...

Assim, com seus versos, os palhaços iam encantando a todos.

Outro fato que marcou aquela época, foi o cinema, era muito difícil só tinha nas grandes cidades, e nós aqui, não tínhamos nem energia nem um espaço para funcionar o cinema. Foi então que apareceu um filho de São Domingos, que há muitos anos morava em São Paulo e resolveu retornar e implantar o cinema. Foi o Sr. José de Zezé Sapucaia ou José de Clarice, ele alugou uma casa, onde hoje funciona o armarinho de Lourival e comprou um motor com um gerador, porque a máquina de passar a fita veio de São Paulo, com o motor e o gerador ele conseguiu retirar a energia que clareava a frente do prédio do cinema, e permitia que a máquina passasse a fita.

No Sábado pela manhã, ele colocava o cartaz do filme no local que ele achava apropriado e pela tarde fazia o teste com o filme, mas tudo ficava em segredo, então quando a noite chegava ele ligava o motor e a frente do cinema ficava claro, e a partir das vinte horas o filme tinha seu início, assim que clareava, o pessoal começava a chegar, ficavam conversando e andando de um lado para o outro na frente do cinema, mas na hora de dar início ao filme, o motor que havia aquecido por não ter um sistema de ventilação dava pane, e assim que a máquina era ligada o gerador recebia uma queda de energia, então o povo olhava

para a tela do “cinema” e via tudo ficar branco, era a fita que tinha quebrado, então José corria para emendar a fita, na pressa em emendar, as vezes a fita era colada de maneira errada, e quando conseguia passar, os personagens estavam com as cabeças voltadas para baixo, então, tinha que parar tudo e colar de novo, e quando finalmente o filme conseguia rodar acontecia outra pane no motor, ao final das contas, ficava tarde e ninguém conseguia assistir ao filme..

Quando chegava a quarta-feira, José levava o motor para Itabaina e no sábado começava tudo outra vez, mas os frequentadores insistiam e todo sábado à noite eles estavam presentes à sessão.

Mas, José não teve êxito na sua vida empresarial e voltou para São Paulo. Já no início da década de 70 recebemos energia proveniente de Paulo Afonso, com isso o cinema pode finalmente se tornar uma realidade. Então apareceu Sr. Lutero que era goleiro do “Esporte Clube São Domingos” residente em Campo do Brito, ele então começou a passar os filmes em Campo do Brito, Macambira e São Domingos, aqui, o filme era passado aos sábados à noite; assim que terminava a feira o seu auxiliar, Sr. José de Percilio, varria o mercado, lavava as bancas, e pendurava uma tela no telhado do mercado. As pessoas mais importantes levavam as suas cadeiras ou tamboretas e os mais simples sentavam-se nas bancas de cortar carne, inclusive eu. O melhor do filme era

após o término porque todo mundo ficava comentando.

Pouco depois o cinema foi transferido para um salão que ficava na praça do mercado e tinha serviço de alto falante do próprio cinema. O Sr. Lutero começava a fazer a propaganda no sábado pela manhã, assim no horário marcado para o início do filme todos já estavam presentes, aqueles que levavam cadeiras sentavam-se na frente, outros ficavam espalhados pelo chão, mas a televisão foi diminuindo os frequentadores do cinema até o seu final.

Os bailes de São Domingos eram feitos à base de sanfona, aqui desfilaram sanfoneiros importantes, como Clemilda e Gerson Filho, Zé Cláudio e Maria Isabel, Jocy Batista, este foi o encarregado de fazer uma música para a emancipação política de São Domingos, e a música foi composta assim:

“São Domingos, minha terra querida
São Domingos, terra da minha vida
São Domingos já passou para cidade
São Domingos, aí que felicidade
São Domingos seu futuro é de verdade
São Domingos vai ser uma grande cidade
São Domingos terra do meus sonhos
São Domingos terra da liberdade”. Bis (Jocy
Batista)

Então vieram bailes e músicas sofisticadas, trazendo para nossa comunidade transformações radicais. Nessa época eu estudava em Itabaiana no

Colégio Murilo Braga. Em minha sala tinha uns colegas de Ribeirópolis, um deles, o Everaldo, fazia parte de um conjunto chamado “Os Explosivos”, onde quer que eles tocassem faziam sucesso, eu mesmo certa vez quando fui a Ribeirópolis tive a oportunidade de ver o sucesso deles. Então Everaldo me disse:

- Humberto, fale com o prefeito de São Domingos para que nós possamos ir lá fazer um baile.

No entanto, como se tratava do mês de junho, o mês do forró, ficaria difícil, a próxima comemoração seria no dia seis de setembro e era costume da prefeitura fazer um baile da independência que acontecia no mercado, e Nide que era adversário político fazia um outro baile no salão dele e com essa disputa quem ganhava era o povo, que tinha dois bailes.

Mesmo assim, eu fui conversar com o Sr. José Urquiza e disse:

- Sr. José, porque o senhor não traz um conjunto musical para tocar aqui na festa da independência, hoje com a modernidade, os sanfoneiros só são convidados para as festas juninas (Isso porque em toda festa, só se apresentavam sanfoneiros). Eu estudo com um pessoal que mora e tocam em um conjunto de Ribeirópolis, e se o Sr. quiser, o preço é “X”, eles tocam durante cinco horas.

O Sr. José então respondeu:

- Depois eu lhe dou a resposta!

Assim que eu cheguei ao colégio, falei com Everaldo, este me disse:

- Muito bem colega, pegue no pé do homem que eu vou avisar ao empresário para só marcar nesta data com outro, quando primeiro falar comigo.

Eu fiquei calado, não falei para ninguém que tinha feito essa sugestão ao Sr. José.

Seu José então conversou com alguns moradores da cidade:

- Estou pensando em trazer uma banda diferente para tocar na festa da Independência.

Que banda? Indagaram!

Seu José então respondeu:

- Um conjunto musical lá de Ribeirópolis.

Daí surgiu os protestos:

- Olha, não faça uma besteira dessas, o Sr. vai acabar passando vergonha, não virá ninguém para a nossa festa, e o povo do povoado Saco e da Mangabeira vão acabar indo todos para o baile de Nide. E aí é que o Sr. vai se afundar politicamente.

Quando eu ouvi a manifestação da maioria ser contrária à vinda do conjunto, pensei logo: “Isso não vai dar certo...”

Depois o Sr. José Urquiza de Oliveira Fontes que foi prefeito por duas vezes, que tinha uma visão progressista, homem que muito fez por São Domingos, me surpreendeu dizendo:

- Você mande o pessoal do conjunto vir aqui, acertar comigo.

Então os meninos vieram e acertaram tudo com o Sr. José. No dia seis pela tarde, o conjunto chegou, armaram o palco onde hoje Toinho da Macambira vende sapatos, no mercado municipal, e foram para a casa do prefeito.

Ao cair da noite o baile teve início, contrariando as expectativas de alguns, esse foi o baile que mais teve gente, quando o baile já estava terminado o prefeito pediu para que eles tocassem um pouco mais, os músicos então prontamente acataram o pedido, poucas pessoas dançaram, a maioria ficou só olhando, como acontece até hoje, e os que se aventuraram a dançar estavam um pouco desengonçados, fora do ritmo, mas foi um sucesso, o famoso Serra Negra foi quem mais dançou, e o conjunto acabou ocupando o lugar dos sanfoneiros em nossas festas, o curioso foi que o pessoal que estava no forró de Nide não veio para o mercado, porque eleitor de um partido não passava perto de festas realizadas por outro partido, mas, ficaram na frente do salão ouvindo aquele som com baixo e guitarras, cheios de curiosidade.

A festa da independência era organizada pela prefeitura e a escola do estado, que tinha à frente dona Estelina e o Sr. José Júlio Filho, que era o encarregado de enfeitar as ruas com a sua equipe utilizando as bandeirolas. Era o forró no mercado e José Júlio enfeitando a cidade, quando o dia amanhecia, a cidade estava toda enfeitada, o serviço de alto falante era ligado às cinco horas da manhã com a alvorada,

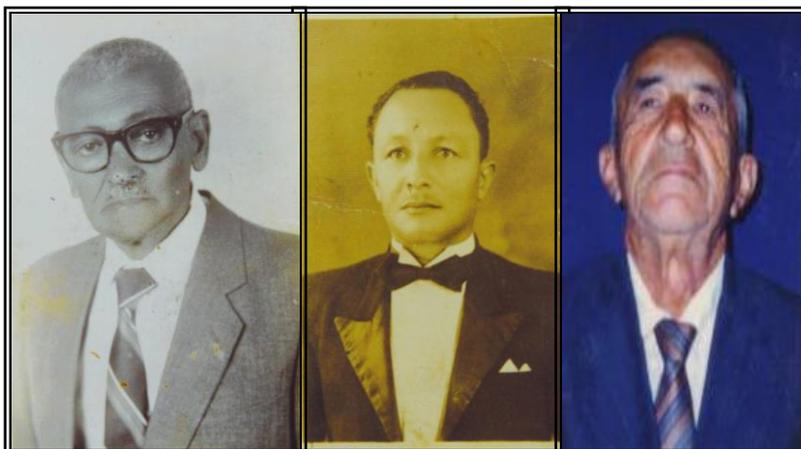
tocando o hino referente a nossa independência, havia pessoas que soltavam fogos de artifício durante o dia, a comunidade acordava cedo e eram distribuídas fitinhas nas cores amarela e verde com uma alfinete em forma de flor para serem colocadas no lado esquerdo do peito dos homens e mulheres, durante todo o dia havia competições, como corridas de 100 e 200 metros, corridas de bicicletas e jegues, corridas de ovo, corridas de saco e etc., pela tarde, havia o grande desfile.

O primeiro trio elétrico apareceu aqui em um dia de sábado, num comício do MDB.

Outro fato que divertia muito a população era a “festa dos bois”, essa festa tornou-se uma tradição. Na sexta-feira à tarde, a cidade de São Domingos transformava-se em arena, neste horário as mulheres dificilmente iam à fonte pegar água, o matadouro ficava, onde hoje é a praça dos vaqueiros, e a maioria do gado que vinha para ser abatido, vinha da região de Gameleira, Cercado, Macambira e Campo do Brito. Como não havia carretas para o transporte, os vaqueiros eram obrigados a tanger os animais, que vinham tranquilos, mas ao chegarem na cidade, tornavam-se arredios e assustados, então quando os bichos se deparavam com o barulho feito pela população, desgarravam-se e aí não tinha quem pegasse, eles entravam nas casas que estivessem com a porta aberta, corriam atrás das pessoas e era um Deus nos acuda. Então começava a tourada, as pessoas

corriam para fecharem as portas de suas casas e os vaqueiros partiam para enfrentar os animais, os meninos subiam nos pés de árvores da praça e em postes da rede elétrica, os vaqueiros se irritavam com os meninos por que para eles, a gurizada era a grande responsável pela ira dos bois e aí começavam a xingar e ameaçar os meninos; quem pensar que a molecada parava a algazarra, estava totalmente enganado, aí era que eles começavam a atizar os bichos e depois corriam para cima das árvores.

XII-Como surgiu a emancipação política de São Domingos



**MANOEL ALVES
DA SILVA
“CARÍ”
VEREADOR
VICE-PREFEITO**

**VALDOMIRO
PEREIRA DOS
SANTOS
1º PREFEITO**

**LAURINDO
ANACLETO
DOS SANTOS
VEREADOR**

O povoado de Feira Nova era um dos mais importantes politicamente falando, sempre tínhamos representantes nossos na câmara dos vereadores de Campo do Brito. Naquela época, a câmara era composta de 5 vereadores e houve mandatos em que nós ocupamos duas vagas, sendo que os vereadores escolhidos sempre saíam dos partidos da UDN ou do PSD. Tivemos vereadores como José Mecenas Filho,

este cidadão que muitas vezes lutou ao lado da oposição, sofrendo derrotas ou tendo vitórias, com sua idade já um pouco crescida, mas com um espírito de luta que fazia inveja a qualquer jovem. Fui amigo e muito admirava Zeca Mecnas. Valdomiro Pereira dos Santos e Matias Timóteo Neto, este ingressou na política ainda jovem em 1954, e ao enfrentar a sua primeira eleição sofreu uma derrota, mas teve o seu mandato de 1958 a 1962, e foi um vereador que muito lutou.

Ao final do seu mandato, houve um fato que marcou bastante a sua carreira política. O então prefeito Graciliano Apolônio da Fonseca nomeou Matias para assumir o posto de prefeito por algumas horas, e depois transmitir o cargo ao novo prefeito. Mas neste mandato Matias teve um desgaste político muito grande. Graciliano iluminou Campo do Brito com energia elétrica de Paulo Afonso e sua meta era deixar o povoado de Feira Nova iluminado. No povoado estava tudo pronto, os postes eram de madeira e só faltavam os recursos para fazer a rede de Campo do Brito a Feira Nova, mas para que tudo fosse feito dependia antes de uma votação da câmara de vereadores para liberar a parcela de dinheiro que a obra necessitava para ser realizada; era preciso contar com um voto da oposição, mas o prefeito já dava o resultado como satisfatório, Matias Timóteo era da oposição, mas se tratando do povoado Feira Nova, ele queria o melhor. No entanto, o Sr. Matias era muito

fiel ao seu grupo político e o seu líder o orientou que votasse contra a vinda da energia para Feira Nova, e, assim, aconteceu, quando o projeto do prefeito foi levado para votação o Sr. Matias votou contra.

Depois desse desastre, nós víamos os postes sendo destruídos pelo tempo e pela chuva e Matias, politicamente foi destruído, por que na eleição seguinte o seu líder político passou chapa de outro candidato, inclusive tirando votos do reduto político de Matias, ou seja, essa foi a ruína de Matias, que logo depois se afastou da vida pública, só voltando muitos anos depois para ocupar a vaga de vice-prefeito de São Domingos.

Em 1962, Graciliano deu adeus a sua vida política, mas continuava a ansiedade pela emancipação política de Feira Nova. Nós tínhamos visto outros povoados se tornarem adultos, só restavam Feira Nova e o Garangau, e o pessoal do PSD foi o primeiro a se manifestar, e o da UDN, tiveram que ficar calado, ou então dizendo que estava tudo indo bem, no entanto, torcendo para que nada desse certo.

Então houve a iniciativa do Sr. Francisco Vieira da Paixão, que sonhava em ser deputado estadual, ele procurou os amigos de Feira Nova e propôs:

- Se vocês votarem em mim, eu garanto que Feira Nova será cidade.

Com isso, a campanha ganhou força, quase todo o eleitorado de Feira Nova votou em Paixão, exceto

aqueles mais comprometidos com os candidatos da UDN.

Quando as urnas foram abertas, Paixão foi derrotado, então o pessoal da UDN passou a ser o boneco da festa, começaram a dizer que nós sabíamos que Paixão não ganhava e que não havia passado de uma armação do pessoal do PSD para dar voto a Paixão.

Quando essa história chegou aos ouvidos do líder Valdomiro Pereira, ele imediatamente convocou os seus amigos e foram falar com o Sr. Paixão, porque mesmo ele tendo perdido, precisaria encontrar uma forma de emancipar o povoado.

Paixão então disse:

Poderemos ir a um deputado, e pediremos a ele que apresente o projeto na Assembléia Legislativa, e assim que conseguirmos o apoio de um, iremos pedir o apoio aos demais, então lembraram do deputado do MDB, que morava em Ribeirópolis, o Sr. Baltazar, e Paixão tinha um bom relacionamento com ele.

Baltazar concordou em apresentar o projeto na assembléia.

Então Paixão e os representantes de Feira Nova foram aos deputados para pedir que eles votassem pela nossa emancipação e todos se comprometeram em ajudar. Assim se tornou fácil. Não houve nenhuma pressão do prefeito de Campo do Brito, o Sr. Osvaldo Lemos de Almeida, e, assim, o projeto foi aprovado, mas antes de conseguirmos houve um impasse, que

por pouco não estragou tudo: a divisão do novo município. Valdomiro e os demais queriam que a divisão fosse no córrego Salgado com isso o município iria ser grande, politicamente tomaria a metade de Campo do Brito, pegaria o Pilambe e a Gameleira, além dos demais povoados do lado de cá do córrego, mas logo encontrou barreiras, pois o pessoal destes povoados possuía uma liderança forte que fazia oposição ao prefeito que era Roque José de Souza, e este, filho de Gameleira representava este povo; se dividisse na parte do Salgado, ou Roque se transferiria para São Domingos e se lançava candidato, ou então faria uma nova política. Valdomiro então saiu falando com todos, mas só recebia um não, como resposta, afinal de contas todos queriam morar no município de Campo do Brito, e o tempo foi passando e nada de se resolver, foi então que o Sr. Laurindo Anacleto, que era um homem que todos ouviam, fez toda a trajetória e resolveu dar um basta nesta história.

Laurindo foi a Valdomiro e disse:

- Compadre, vamos resolver logo isso, estou vendo a hora da situação ficar pior; uns querem a Taboca e nós queremos o Salgado, pior seria se eles não quisessem dar nenhum lugar, então vamos aproveitar a boa vontade da parte deles e vamos aceitar o acordo, faça a separação pelo córrego de Taboca e observe que o nosso município vai ficar pequeno no início, mas no futuro será rico, basta o rio

ficar do nosso lado, vamos parar com as brigas, afinal de contas não estamos ganhando nada com isso, e como diz o ditado: quem muito quer no final fica sem nada. O município não vai ter dono, pertencerá a todos.

No dia 21 de outubro de 1963, com a lei nº. 1213, Sergipe ganhava mais um município que para homenagear o padroeiro passara a receber o nome de São Domingos. De imediato o Sr. Valdomiro Pereira dos Santos é indicado como interventor e após 1 ano e meses, concorre a eleição para prefeito, e é eleito, mas no dia 31 de março de 1964, surge o golpe militar. Segundo a história, o Brasil passava por uma crise social muito grave e a nossa democracia estava se transformando em uma anarquia, então, a solução foi os militares assumirem o poder. Logo nos primeiros momentos, mandou prender políticos e inclusive nosso governador João Seixas Dórea e levado para a ilha de Fernando de Noronha. Assume então o vice, Celso de Carvalho e automaticamente o governador assumiu com novos planos e novos métodos, entre eles o de moralizar e diminuir os gastos, e logo os povoados que estavam prontos para se tornarem cidades foram descartados, a exemplo de Mocambo em Frei Paulo e Tanque Novo em Riachão. Espalhou-se o boato de que todas as emancipações recentes se tornariam sem efeito, todos voltariam a ser povoado. Não tínhamos câmara de vereadores e o interventor não tinha verba para gastar.

Na eleição seguinte a emancipação foi concretizada, todas as novas cidades tiveram eleições para prefeito, mas um fato importante veio a acontecer: Foi a visita do Sr. Baltazar, que em um dia de sábado à tarde se deslocou para a feira de São Domingos, veio acompanhado do companheiro, o jovem João Alves, mais conhecido como João Patola, professor em Itabaiana, e aqui chegando, parou o carro de som, só que já haviam dois outros carros na pequena feira, um candidato de Melquíades José de Santana, este na primeira eleição foi o candidato a prefeito pela oposição, disputou mais duas e veio a ser eleito prefeito de São Domingos na terceira vez, pelo mesmo partido, o seu filho Ademiro Alves de Santana seguiu a política foi vereador e vice prefeito, ocupando por alguns meses a vaga de titular, no afastamento do prefeito Helio Mecenas. Outro de Valdomiro Pereira, a poluição sonora era tão grande que Baltazar achou que deveria um falar de cada vez para que a população viesse a entender, só que quando ele tentou falar isso os candidatos também começaram a falar, todos ao mesmo tempo, então ele se irritou e foi embora. Resultado: quando as urnas foram abertas, o coitado não teve um voto, o povo foi muito ingrato.

XIII - Primeiros veículos que vieram a Feira Nova

O primeiro veículo que rodou no povoado Feira Nova foi uma caminhonete que apareceu no dia de uma festa de janeiro que tinha como proprietário um Senhor Conhecido como Gustavo que residia em Itabaiana. Gustavo levou o dinheiro dos festeiros, carregava o veículo com os poucos passageiros conforme o seu tamanho e recebia logo o dinheiro da passagem e dava início à viagem. O roteiro era a saída do lado do mercado e o veículo ia até o campo de futebol, hoje praça dos vaqueiros, e ao retornar circulava ao redor do mercado, e assim estava completando o passeio, calcula-se que todo o roteiro feito pelo veículo não chegava a 800 metros.

Mas na década de cinquenta apareceu o caminhão de João empenado este era esposo de Dona Filoca pessoa que tenho grande estima hoje aos seus 85 anos que vive com suas filhas Maria e Baltazarina que é residente em Campo do Brito. O caminhão de João Empenado fazia o transporte dos comerciantes de Campo do Brito que vinha negociar na feira daqui. O ponto de descarregar e carregar o caminhãozinho era em frente à nossa casa, se tratava da calçada mais alta do mercado, assim era mais fácil para o ajudante trabalhar. Os meninos ficavam aguardando a chegada do carro e o interessante era que antes do veículo parar, o ajudante saltava com um pedaço de pau

grande de forma triangular e assim que o carro passava ele calçava o carro com um pedaço de pau assim o veículo não tinha condições de sair do lugar e se dava início a descarregar e, na saída, aí era trabalho, após os passageiros em seus lugares, o motorista se colocava em seu lugar e o ajudante pegava um pedaço de ferro com algumas torturas que era conhecido como manivela, esta manivela era o instrumento de fazer o motor funcionar, logo que não havia motor de arranco o ajudante engatava uma ponta dessa ferramenta na parte da frente do carro mais ou menos abaixo do radiador e começava a rodar. O cidadão fazia tanta força que ficava banhado de suor, e com muita luta, o motor vinha a funcionar e logo ele corria para tirar o cepo que calçava o pneu, além disto, grande luta para montar no caminhão. Tinha de correr para pegar o carro andando. Você já imaginou como era difícil para o pobre do ajudante, que se o motor durante uma viagem desligasse muitas vezes? O mais interessante era que o motorista, João empenado, conhecido por este nome, por gostar de tomar umas caninhas e vivia mais embriagado do que sóbrio, mas ele dizia que só era motorista quando pegava o carro e via três estradas o segredo era escolher a do meio e pisar forte no acelerador. Eu conversando com a dona Filoca, ela me disse que tinha dias que quando chegava da feira era morto de cachaça, mas teve um segredo em toda a sua vida, nunca bateu ou virou um carro. Depois apareceu a jardineira, esta veio poucas

vezes à Feira Nova, depois andaram tapando os buracos de maior tamanho da estrada, começou aparecer o ônibus, este era do Sr. Joza de Pindaíba, que morava em Campo do Brito. Tinha caminhão que viajava para São Paulo, como os conhecidos de “pau de arara”, levavam e traziam os passageiros que às vezes durava vinte dias de viagem. Joza resolveu investir na compra de ônibus e um veio para São Domingos. Tinha como motorista o conhecido Antero. Este ônibus era pequeno e de pouco conforto e se comparado com as carrocerias de caminhão que o povo andava em cima, este ônibus era uma limusine. Saía de São Domingos na quarta-feira pela manhã para a feira de Itabaiana e na sexta-feira para campo do Brito. Era carro cheio. Com certo tempo, Joza vendeu esta linha para uma pequena empresa de ônibus que estava surgindo em Itabaiana, com isso passava a ter ônibus na segunda-feira pela manhã para Itabaiana e lá mudava para um ônibus melhor que ia para Aracaju e pela tarde tinha um horário de ônibus que saía de Itabaiana e quem chegasse de Aracaju depois do horário, ou vinha de pé ou dormia em Itabaiana, mas depois o proprietário resolveu que o ônibus que saía de São Domingos, pegava os passageiros em Campo do Brito e tinha seu final de linha Aracaju. Foi excelente para todos, mas logo surgiu um fato, o cobrador morava em Campo do Brito.

O motorista vinha pegar os passageiros aqui, e só parava o ônibus para descer os passageiros de Campo do Brito no local que o cobrador estava esperando, este entrava no ônibus e perguntava: Quem vai descer aqui? e se posicionava na porta, começava a tirar os bilhetes das passagens e recebendo o dinheiro e os passageiros descendo; depois dos passageiros de São Domingos terem descidos, este cobrador ia até o fundo do ônibus e dizia: passem todos para as poltronas do lado do motorista: E em seguida começava a entrar os passageiro de Campo do Brito que sentavam-se nas poltronas do lado da porta, o mesmo era no guinche da rodoviária de Aracaju, quando se pedia uma passagem para São Domingos só era vendida do lado do motorista. Há poucos dias eu conversando com um amigo ele me disse que era de matar, lembro-me que quando eu chegava de Aracaju era doente com uma dor de cabeça danada, só faltava os miolos voarem, o segredo era que do lado do motorista os passageiros quando iam, pegavam o sol da manhã, que de certa parte era bom para a saúde e quando vinham pegavam o sol da tarde, este era que fazia mal a estes passageiros por falta do carro não ter sistema de refrigeração ou proteção aos raios solares, mas com certo tempo esta linha passou para a Bomfim ai a coisa mudou, o ônibus saía de São Domingos para Aracaju e o passageiro sentava onde queria, com isso se o carro saísse daqui com os passageiros equivalente a sua lotação sentados, ao chegar em Campo do Brito

aqueles passageiros iam em pé e quando o ônibus não ia cheio nós escolhíamos o lado e as poltronas melhores e ficávamos assistindo a lei da vida, hoje é você e amanhã pode ser eu. Além dos veículos o animal e as bicicletas era grande meio de transportes.

XIV – Pessoas que mais se destacaram

Na verdade São Domingos teve o Sr. José Curvelo como fundador mas este cidadão e outros que já moravam nesta região, não demonstraram habilidades para assumir todas as necessidades de uma comunidade como no setor do comércio, da política, etc.

Com isso a comunidade começou a receber moradores ainda jovens e, com esperança de viver e crescer aqui não foi diferente, chegou Valdomiro Pereira dos Santos, Filho do município de Pedra Mole e que fez de São Domingos o seu mundo. Aqui chegando, acompanhado de sua esposa Dona Lilia, Valdomiro entrou no ramo de farmácia, tornou-se um comerciante respeitado da região, com isso veio a ser um homem envolvido na política.

João Neto, por ser cunhado de Valdomiro, veio fazendo parte da família, era como um filho mais velho. João neto é um homem simples sem ambição que exerceu a função de exator de São Domingos por quase todo tempo que esteve na ativa, hoje é um fiscal de tributos estadual aposentado tem como esposa Dona Raulina, uma professora do estado aposentada. É um casal que só engrandece a sociedade de São Domingos.

Seu Vitório, antes de Valdomiro era o responsável pela saúde do povo com as suas

garrafadas, mas com o surgimento da farmácia ele saiu para outra comunidade; Laurindo Anacleto dos Santos, este veio do povoado Zanguê, município de Itabaiana, chegou muito jovem com aproximadamente vinte anos de idade e logo veio a se casar com Dona Maria da Graças dos Santos, esta foi a primeira mulher a ter mandato de vereadora, Manuel Alves da Silva (Cari) este era filho do município de Porto da Folha e como Policial Militar veio destacar nesta comunidade e logo se aposentou e partiu para fazer política, teve grande participação em todos os movimentos de São Domingos, era um homem de paz que tinha uma grande esposa dona Bernadete, mas na década de 70 mudou-se para o interior de São Paulo onde vieram a falecer.

Valdomiro dos Santos, o Valdomiro pedreiro, este era um jovem que tinha deixado o Exército Brasileiro e seguiu a profissão de pedreiro e partiu para construir obras em todo Estado de Sergipe e chegando para trabalhar em Campo do Brito fez grandes obras e o então Prefeito daquela cidade o Sr. Emiliano José Ribeiro disse: Mestre Valdomiro, eu quero que você vá fazer um mercado na Feira Nova e a medida é quinze por quinze metros e Valdomiro mediu quase 30 por 30, com essa medida acrescentou tantos e logo deu início e começou a chegar o material e homens a trabalharem e seu Emeliano esperando a hora de cobrir o mercado, faltou a paciência e veio visitar a obra, quando viu, ficou assombrado com o

tamanho e disse: Valdomiro quem mandou fazer deste tamanho, você é doido? E Valdomiro disse: O Sr. me deu esta medida! E o velho disse: - a medida foi outra! E Valdomiro disse: Seu Emiliano, tem duas alternativas ou se continua ou se desmancha, se não for eu é outro. Seu Emiliano disse: - Agora tem de acabar, mas a obra era tão grande que teve o seu término no mandato do seu sucessor Francisco Vieira da Paixão; ficou o mercado grande de mais e todos diziam nunca vai ter gente para encher este mercado!

Valdomiro é um homem progressista, hoje aos seus setenta e tantos anos sempre o visito, e em todas as visitas mais aprendo. Valdomiro ainda pensa nas condições melhores para todos, é homem preocupado e conhecedor dos movimentos trabalhistas, é um Getulista de carteirinha, viu Getúlio Vargas criar leis que beneficiavam os trabalhadores, acompanhou a segunda Guerra Mundial e participou defendendo a nossa pátria fazendo patrulhas por se tratar de um soldado do Exército. Chegando aqui descobriu. “Este é o meu lugar, daqui eu nunca mais saio”. E começou a ensinar os jovens a trabalharem na construção civil que hoje a grande parte da nossa economia está nas mãos dos nossos conterrâneos que trabalham de pedreiros e Valdomiro levou os nossos jovens para o esporte, criou o “Esporte Clube São Domingos”, foi presidente do sindicato dos trabalhadores rurais, participou de todos os movimentos progressistas de nossa comunidade, nunca se envergonhou de defender

aquilo que para ele era certo, mesmo do lado da minoria.

A parteira mãe Anizia, como era conhecida, esta deu toda a sua vida a todos na época que as mulheres não conheciam maternidade, viam falar em médicos, mas tinha mãe Anizia que era a parteira da comunidade. Pelo fato das mulheres não fazerem pré-natal, o número de morte na hora do parto era muito alto, ela fazia o papel de médico, parteira e enfermeira, ela era chamada para a casa das gestantes nos primeiros sinais e só retornava após o nascimento da criança, às vezes que saía direto para a casa de outra que estava precisando do seu trabalho, ela não tinha tempo de ir à sua casa, tempos passava a semana sem ver os seus, ela assistia o pior que podia acontecer do desejo de todos, de ver aquela mãe ganhar um filho via ela calar para sempre e levar a sua cria para a eternidade, e toda a comemoração que aguardava para o nascimento de um, tinha de sofrer pela morte de dois e mãe Anizia baixava a cabeça, e comentava: - Mas foi a vontade de Deus, não cai uma folha de uma árvore se não for com a permissão do pai! Levantava e logo era chamada para ver uma nova vida acender, todo este trabalho era feito por amor, nunca recebeu um centavo pela prestação deste serviço, mãe Anizia todos nós lhe devemos.

Dona Anatália professora do Estado, que lecionava no município de Pedra Mole e se transferiu para aqui, lecionou no Grupo Escolar Emiliano José

Ribeiro; esta senhora se engajou nos movimentos religiosos com muita fé e recebeu todo apoio da comunidade, ela implantou no meio dos grupos religiosos, um trabalho desejável, começamos a sentir independência nos movimentos religiosos e a Igreja cresceu mesmo a sua irmã dona Rosita dando continuidade a todo aquele trabalho, mas sentimos saudades, sabemos que Anatólia está no lugar que merece, está nas mãos de Deus.

Auta Augusta da Cunha (Dona Zezita), mulher filha de Campo do Brito, casada com Sr. Paulo de Brasilino, esta senhora só viveu para ajudar a todos, costurava e o seu esposo era comerciante no ramo de cereais, ela colocava a sua máquina de pé ao lado dos sacos de feijão e milho, e bordando ou costurando, mas atendia a sua freguesia. Naquele tempo não havia supermercado, milho e feijão eram vendidos na medida e não no peso; você tinha direito de colocar as mãos na mercadoria que estava no saco e depois de verificar a qualidade se dizia: - Quero tantos litros. Eu ou meus irmãos íamos a mando de mãe comprar um litro de feijão e lá chegando eu me dirigia até ela e dizia: benção madrinha Zezita e depois dizia: - Quero um litro de feijão e ela ia atender com todo cuidado e eu dava o dinheiro e se tivesse troco ela pegava este e enrolava em um papel e dizia: - aperte na mão para não perder; o interessante, era que eu não era afilhado dela, mas em quase todas as casas tinha um afilhado de seu Paulo e dona Zezita e na nossa era Iranilde, a

minha irmã, e todos nós dávamos a benção. Nos não tínhamos correio e a Dona Maria do correio de Campo do Brito era irmã de dona Zezita, assim dona Maria enviava as correspondências para dona Zezita e esta fazia o mesmo, atendia a todos durante o dia. Às vezes, as pessoas iam até sua casa pela noite entregar ou receber correspondência, este trabalho foi feito por muitos anos e nunca cobrou pelos seu serviços.

Dona Josefa Argentina Terra, filha de seu Agripino, foi residir em São Paulo quando era jovem, após a morte de seu marido voltou para cá esta fez um grande serviço, principalmente para os precisados velhinhos doentes, etc. Ela me dizia: - eu visito mais aqueles que não têm ou são abandonados pelos familiares. Acordo-me cedo e saio pelas casas na zona rural e ando a pé, começo a dar banho naquele que não pode tomar sozinho, faço café e depois de servir aquele coitado, vou para casa de outros, tem vezes que vou atender a alguns já tarde, eu sou sozinha, mas dou café e depois deixo as bolachas e os pães para eles se alimentarem durante o dia. Compro esta alimentação das minhas poucas reservas e o restante eu peço às pessoas, junto tudo pela tarde e noite, e quando me levanto, estou com tudo pronto, tem muita gente que me ajuda, mas para não abusar, faço uma escala para não estar pedindo todos os dias aos mesmos, porque senão eu me torno enjoada e sei que nosso povo é pobre; outra coisa que me preocupa é no tempo do inverno, quando estou em minha cama deitada e

enrolada, com a minha coberta quente, mas sinto um frio na alma quando me lembro daqueles que estão passando frio por falta de um agasalho, assim eu peço cobertas e roupas já no verão para socorrer aqueles precisados no inverno, a entrega é assim: reúno todos os precisados na casa de um e lá faço a entrega e também convido algumas pessoas para participarem com suas presenças e neste dia sinto a felicidade de todos alegres e conversando, esta é a verdadeira festa, mas logo veio a morte e se foi dona Argentina, morreu e não ficou outra pessoa para substituí-la e os pobres ficaram órfãos. Era uma mulher alta, educada, uma morena de cabelos bons e pele acentuada, deixou suas filhas Maria Madalena e Fernanda, espero que as pessoas boas se inspirem nestas grandezas de bondade, não só dela como outras que não cito seus nomes. E vamos fazer o bem, os jovens que estão surgindo agora com o direito de viver e fazer o bem que façam uma reflexão, aproveitem tudo de bom que estas pessoas fizeram e nunca copiem o mal, aproveitem as suas energias e ajudem a melhorar a vida daqueles que sofrem por falta de orientação ou por não terem valorizado as boas oportunidades da vida.

Dona Tininha, esta foi a pioneira nos movimentos da Igreja Católica, dona Tininha que ficou viúva ainda jovem, além de costurar para adquirir a sua sobrevivência e de seu filhos, deixava uma parte de seu tempo para servir a Igreja, e em toda

comunidade, cobrando a presença de todos, o povo tinha outra formação e se tornava muito difícil ser reconhecida pela maioria das pessoas, que não analisavam que dona Tininha e outras, estavam a serviço de toda a comunidade e teve de deixar e passar a residir em Aracaju, mas deu continuidade, até hoje é ligada aos movimentos da Igreja.

Dona Marielze de Gileno, que ao amanhecer do dia já estava com as portas da bodega aberta atendendo a todos, a bodega era um pequeno comércio que vendia de tudo, era um pequeno Armazém que tinha os itens básicos conforme a necessidade do povo.

Enéas, minha mãe, que era a responsável pela veste que tinha uma loja de tecido, não havia roupas feitas, todos tinham de comprar o tecido, compravam o pano em nossa casa e mãe informava: - procure dona Marielze de Gileno, Evilauza ou Lilia de Juvenal, estas faziam todos os tipos de costura. E quando morria uma pessoa, mãe vendia os preparos, como eram conhecidos. As pessoas diziam: - dona Néia quero os preparos para um homem que morreu e logo mãe perguntava: Ele vai de terno ou mortalha? E a pessoa dizia a opção, ela perguntava: Estava gordo ou magro? E depois da resposta ela dizia: - pode deixar. E cortava os tecidos e amarrava em um pacote quadrado junto com um novelo de fio e dizia, este é para a casa da costureira para fazer a mortalha e o fio para fazer o cordão e este pacote mais comprido leve para o

fazedor do caixão, quando não tinha conhecimento de quem ia fazer, mãe dizia: - a mortalha é dona Lilia de Juvenal e o caixão é seu Vergílio, me lembro que as pessoas morriam mais pela noite e durante a madrugada, víamos baterem na porta chamando dona Néia e repetiam muitas vezes e mãe respondia: - quem é? O homem dizia: fulano de tal. Mãe perguntava: - quem morreu? Fulano. Mãe dizia: -estava doente, eu já vou e logo abria a porta e nós, ainda crianças nos levantávamos e íamos para a loja e ficávamos olhando mãe cortando o tecido, mas a coisa que chamava a atenção eram os anjinhos e as estrelinhas e as cruces que eram feita de papel bem luminoso que servia para enfeitar o caixão; o pessoal ficava contando à mãe: - olhe ele já penou na hora de morrer, fazia uma cara feia, outra dizia: - fez o termo três vezes, termo significa que ele morreu e viveu três vezes, outro dizia: Ele estava tão feliz na hora de morrer, chamou os filhos e deu os planos e depois pediu a benção dos filhos e descansou.

- Olhe dona Néia, parece que está dormindo, outros diziam: - o cabra não queria ir, era uma impaciência e nós pedindo para ele chamar por Deus e ele como não queria morrer... depois de morto ficou com o rosto todo mudado! Mas com a indústria de roupa feita Enéas teve de fechar a sua loja e as máquinas das costureiras foram para o canto. Zeca Mecenas, Laurindo, Marielze, Jacinto e outros que faziam parte do grupo de bodegueiros foram

substituídos pelos mais jovens, com o mercadinho, posto de gasolina, loja de Móveis, farmácias, Butiques, etc.

Manuel de Sota, um senhor na área de fogos de artifício, ele criava, fazia e vendia, mas ele tinha uma pequena indústria de fundo de quintal, mas um dia pela manhã se ouviu aquela explosão e de longe se via uma nuvem de fumaça subir, eu estava em nosso sítio e ao escutar a explosão, olhei para o lado da casa dele e logo me deu aquela tristeza, me dirigi para lá e já encontrava a ambulância passando rápido para dar o socorro, estive no local e não houve vítima fatal, só Manuel de Sota com queimaduras, de imediato segui para Aracaju, fui até o amigo Givaldo Costa e este me acompanhou até o Hospital João Alves Filho, ficamos naquele Hospital até a hora que nos levaram ao leito onde ele se encontrava já medicado, estava lúcido e conversamos com ele e saímos alegres, mas depois Givaldo me disse: - estive com a médica responsável pelo tratamento de seu Manuel e ela me disse que o quadro dele não é tão bom, ele parece bem, mas vamos aguardar alguns dias, com poucos dias me disseram: - a filha de seu Manuel chegou de Aracaju dizendo que ele estava pior e no outro dia fui trabalhar no Posto Fiscal de Campo do Brito e ao escurecer passou uma ambulância com o sentido São Domingos e vinha uns amigos acompanhando e pararam o carro e disseram: - Humberto, ali vai o corpo do nosso amigo Manuel de Sota, foi uma grande perda para mim; a

ausência de amigos como Manuel de Sota, Sérgio, Pretino, Baixinho e outros, mas a verdade é que todos temos de andar no mesmo caminho dos que já foram.

Pedro Alves da Silva (Pedrito), este era um cidadão sincero e amigo e de muita credibilidade no nosso meio. Eu ainda jovem sempre me sentava no banco da praça para ouvir as histórias que ele contava, confesso que até hoje, ninguém nunca teve a coragem de apontar um erro deste cidadão, ao contrario, os que o conheceram o tecem elogios. Pedrito era um funcionário Público ligado a agricultura, levava o tempo visitando os agricultores, era um pesquisador e responsável pela qualidade da nossa agricultura.

Falando em Pedro de Lurdes, quero homenagear a pessoa de Dona Lurdes, é uma senhora por quem tenho a maior estima, fui criado com muito acesso à sua casa e ela me tratava como um filho, vivia brincando em sua casa com seus filhos José Augusto e José Agnaldo, que bom se aquele tempo voltasse.

Lembro-me de seu Pedro Gabriel, cabeleireiro, naquela época o corte de cabelo era um só modelo, para as crianças e os garotos, quando o garoto começava a namorar, o modelo já passava por uma pequena mudança, seu Pedro de Gabriel perguntava logo, já estar namorando? Se o cabra estivesse, o corte de cabelo já era cortado com a maquina número três, o cabelo ficava mais cheio, e no meu caso e de outros que éramos meninos, o corte era com a máquina número zero. O corte número zero a máquina cortava

o cabelo que só ficava a cabeça parecendo um couro curtido, e na parte de cima da cabeça, próximo da testa, deixava uma pequena parte de cabelo que se chamava de cacurute e o pior é que quando o menino cortava os cabelos durante os primeiros dias era briga toda hora, os outros davam cascudo, e sulipas nas orelhas, hoje a historia é outra eu tenho um rapazinho chamado Júlio César, que tem sete anos e só corta o cabelo com um modelo bonito e tem de ser todos os meses, só quer vestir roupas de etiqueta e sapatos de boa marca. No meu tempo, cortando o cabelo com a máquina número zero era quatro meses sem o cabeleireiro ver a cor do dinheiro de minha mãe. Graças a Deus, com o desenvolvimento estamos, vestindo melhor nos alimentando muito bem, tendo uma assistência médica muito melhor e podendo aproveitar cada dia de nossa vida.

Gregório das Bicicletas, naquela época quem tinha uma bicicleta era bem de vida, às vezes no horário da tarde os rapazes de melhores condições andavam em suas bicicletas novas e bem limpas, transportavam em sua porta-bagagem as namoradas ou pretendentes, sempre ao redor do mercado era o local mais atraente para um desfile de bicicletas, com isso aqueles que não podiam, ficavam com ciúme deles, que falavam: - olha se eu tivesse uma bicicleta, andava cheio de mulheres, mas o Gregório apareceu para a alegria de todos e principalmente da garotada, o comércio de aluguel de bicicletas era tão lucrativo

que Gregório vinha para a feira e com tanto lucro se estendia até o domingo e depois mudou-se para aqui, Gregório possuía umas quatro bicicletas fabricadas em 1958, tinha uma pequena desta mesma data que se chamava a Jeguinha, nesta eu aprendi a ser ciclista, as bicicletas quebravam muito, por isso Gregório no lugar que chegava montava a sua oficina, sempre precisava de reparos. A camioneta de Gregório era um Ford de 1950 e alguma coisa, e o motor Gregório dizia que era o melhor do mundo, o motor V-8 era tão potente que às vezes ele ia para Campo do Brito com sua esposa na cabina e nós que todos os dias tínhamos de ir para o riacho taboca para tomar banho, pedíamos uma carona, ele dizia: - subam que eu não posso deixar meus fregueses e seguia viagem. Só tinha um segredo: nós só descíamos depois que subia a ladeira em frente da bodega de Jovino e quando ele resolvia parar no local do banho, tinha de fazer a manobra do veículo porque só subia a ladeira da taboca em marcha ré. Nesta época nós dizíamos: - Gregório eu vou andar dez minutos, ele dizia: - aguarde a sua vez! A vez era da seguinte forma: alguém que aparecesse para andar quinze minutos estava em sua frente, assim nós ficávamos esperando até o entardecer, mas com a bicicleta rodando, a farmácia vendia mais, as pessoa caíam ou atropelavam as outras e tinha de ir comprar remédio.

Zequinha de Lucinda, homem de uma personalidade intocável, filho do município de

Paripiranga – Bahia, seu Gonçalo que residia no povoado Mulungu, João Paixão e Bento do Povoado Tapera, Manuel Gato do povoada Mangabeira, Nelson, que veio do município de Itabaiana e aqui implantou as suas raízes, deixando exemplos de pessoas como seu Manuel e irmãos, como Givaldo Costa. Neto de Nelson. Givaldo foi o homem mais progressista que nasceu em São Domingos, da década de cinquenta até hoje, sabemos que ele lutou para melhorar a qualidade de vida da maioria de São Domingos, mas não foi entendido por se tratar de um homem ligado aos grupos progressistas; nós sabemos que no meio do povo menos esclarecido, saber é poder, e ser contra o poder é ser agitador e burro. É lamentável, mas é uma realidade. Além de Givaldo participar da organização política e sindical de nosso município, foi à Secretaria de Estado pedir algo para São Domingos e foi atendido, todos nós sabemos que a Empresa Nossa Senhora de Fátima que até hoje faz a linha de Lagarto a Itabaiana passava pela SE-110 e não tinha acesso à nossa cidade, o pessoal descia no trevo e vinha a pé no horário do meio-dia, com isso Givaldo foi falar com o dono da Empresa Nossa Senhora de Fátima e ele disse não podemos entrar a este acesso, a cidade pertence à Empresa Senhor do Bomfim, você pode arranjar através da Secretaria de transporte de Sergipe, o Givaldo foi a Secretaria com um abaixo-assinado e o secretario prometeu conversar com representantes das Empresas e ele voltou outras

vezes até que um dia o Secretario disse: - está resolvido. E logo o ônibus teve acesso a cidade, o bom disso é que serviu a todos, mesmo assim, outras pessoas receberam os elogios e Givaldo não passou de agitador ou chato para aqueles induzidos a não saber separar o certo do errado, quero dizer que, com o afastamento de Givaldo do nosso meio, todos os movimentos progressistas perderam muito. As pessoas Evangélicas que observamos que estão ajudando a deixar o nosso povo mais próximo de Deus, nós temos várias Igrejas e com grande participação do povo, com isso a violência diminui a cada dia que passa, o povo cresce tanto no campo econômico, cultural, como no espiritual, e o amor passou a ser o símbolo de nossa sociedade.

XV – Turismo



QUÊNIO DA ARARA

São Domingos tem belos pontos turísticos, por falta de conhecimento do nosso povo, não são valorizados, a começar pelo minador do brejo, com uma água limpa e minada, com suas árvores centenárias e com seus animais, fica localizado a menos de um quilômetro do trevo, ou seja, no centro urbano; o rio vaza barris, o buril, que fica a pedra da Arara que serve como divisão dos municípios de Lagarto e São Domingos com poucos metros de largura é uma das coisas em matéria de turismo que nos chama atenção; o minador do sapucaia, aquela

beleza que deveria ser explorada pela prefeitura ou outro órgão, com a criação de um parque com piscina, bosques, etc.

A pouco tempo estive visitando o minador do brejo e lá encontrei professoras e alunos tendo contatos com a natureza e valorizando aquela grandeza, que este sirva de exemplo para a cultura e desenvolvimento do nosso Município, vamos convidar pessoas de outros municípios para nos visitarem e conhecer esta beleza, que as autoridades façam o mínimo, que é dar acesso e fazer sanitários para os visitantes e o restante deixe com o povo? Até quero lembrar que no minador do brejo deram início à construção de um alicerce que pelo visto, é para ser uma bica, achei válida a intenção pelo seu início, mas espero que termine, porque aquela obra é tão barata para concluir, que se quem começou não tiver dinheiro para o término, pode fazer dois leilões com frutos da terra: jaca, laranja, e mamão, que com certeza será uma obra de pouco valor econômico, mas de alta riqueza social.

Às vezes, recebo amigos em nossa casa e eles olham do primeiro andar da casa ao nosso redor e dizem: - que local bonito naquela serra, tem o que na sua parte baixa? E repondo: Nada! Eles dizem: - que bom se tivesse um projeto para fazer chácaras, assim as pessoas de fora poderiam passar o final de semana em contato com toda aquela beleza! E faço questão de sair com estas pessoas mostrando toda esta frente da

Serra da Miaba, chego até aquela parte alta do conjunto Albano Franco, de lá é visto toda a beleza que nos cerca e todos ficam abismados com a beleza de longe, calcule se nós estivéssemos de perto. Todas as vezes que vou ao buril a minha mente me emite a mesma pergunta de sempre “por que este abandono e não ser a região, mais nobre de São Domingos com esse riacho de água doce e clara, tão raso cortando este sítio, que tanto dão o coco, manga e outros frutos”? Se nós tivéssemos bonitas casas utilizando energia solar, que tem o custo de consumo zero, que bom se nós pudéssemos nos refugiar nos finais de semana, ou mesmo todos os dias neste paraíso, será que ainda irei ver? E que este fazendeiro venda uma pequena parte de suas tantas terras, para este rico projeto mas como se fala que vão construir uma estrada que liga o povoado Olhos D’água a São Domingos, que deverá passar nas imediações do barro, com isso, no futuro poderão aparecer pessoas de influências que pensem iguais a mim e a professora Marinalva de Dió.

XVI – Como se comportou São Domingos com a mudança no mundo

São Domingos é um município que cresce pela maneira de ter um povo trabalhador e inteligente, vamos ganhar dinheiro fora e trazemos para gastar aqui; se você observar a quantidade de casas novas e que estão sendo construídas, que é o maior termômetro para conhecer o crescimento, o nosso município não pode crescer muito, a nossa terra é pouca, mas esperamos que tenha tudo que o povo precisa, sendo pequeno, mas tendo tudo, passaremos a ser um grande.

Sabemos que hoje estamos servidos com água, energia e calçamento, mas não temos um sistema de esgoto que é o mais importante para a saúde de todos. Quebraram partes do calçamento e dizem que implantaram um sistema de esgotos, este com cano de plástico, medindo mais ou menos 100 a 150 milímetros, este esgoto funcionava para cidades daqueles seriados de TV para crianças, lembro-me que quando estávamos recebendo esta grande obra, eu passava no povoado Lagoa Redonda no município de Porto da Folha, povoado muito menor do que nossa cidade e tinha uma porção de manilha e, certo dia perguntei a um senhor: Estas manilhas tão grossas são para quê? Ele me disse que era para fazer um serviço de um tal esgoto em algumas partes do povoado, mas

depois fiquei pensando, este mestre está pensando no futuro, é igual a Valdomiro Pedreiro e a obra do mercado.

Não temos telefone, o sistema de telefonia se reduz a um posto telefônico e mais uma meia dúzia de pessoas que têm em suas casas, e outras que necessitavam de telefones, tiveram de comprar caro, mas uns três ou quatro telefones conhecido como telefone rural. Não temos uma agencia de banco, não temos um clube social, o nosso povo ainda não se organizou para este fim de milênio, não temos uma banda de música, que é mais cultura, estão fechando um dos órgãos que se implantou no inicio de sua emancipação que é a Exatoria Estadual, mas este é um projeto que se estende a quase todos os outros municípios e o fechamento será grande perda. A respeito do Banco, já tivemos uma grande agência do Unibanco, depois fechou, esperamos que o terceiro milênio entre com os passos para a frente e não como a cantiga da piruá de pior a pior, que venha Hospital, Cartório, boas Escolas, Área de Lazer e que estas pessoas que trabalham para alimentar a miséria esqueçam e vejam que a solução não é pobreza e sim trabalho, educação, Lazer, liberdade e direito para todos, clientelismo caia no esquecimento, porque aqueles que continuarem agindo assim, no futuro a sociedade terá vergonha destes.

XVII – Lendas

As Histórias contadas pelos nossos conterrâneos têm uma grande verdade, sabemos que pessoas idosas e sérias nos contam fatos que a gente fica em dúvida sobre a palavra lendas, eu fico pensando, “será que todas essas pessoas são mentirosas?” Por exemplo: A estória do Lobisomem, o meu avô, Júlio, que era um homem conhecido de todos, nos contava que quando ele morava no Serrão tinha uma criação de bois, ovelhas e suínos, como também criava cachorros. Certo dia a cadela deu cria e durante a noite, ouviu os cachorros latindo, latiam com muita intensidade e no outro dia, parte dos cachorrinhos não acompanharam a cadela, minha avó Joana saiu procurando e não os encontrou, mas meu avô tinha uma historia de um cidadão que morava no Lagarto (cidade) dizia, e todos sabiam que ele virava lobisomem às vezes ele dizia: - olhe Júlio eu estive na sua casa tal dia e os cachorros brigaram comigo, mas o valente de todos é o pretinho e olhei e tinha tantos bezerros apartados! Segundo meu avô, era verdade e meu avô disse: Joana será que foi fulano que comeu os cachorrinhos? Eu hoje vou botar a cadela para dormir em um lugar que se tenha acesso, esperou uma noite, nada. Um dia estavam dormindo e ouviram a cadela latir e logo os outros cachorros entraram na luta, com isso meu avô se levantou com um reio na mão, e chamou os meninos e

seguiram para o local em que a cadela estava, era um canto de parede e meu avô viu aquele monstro, parecendo um suíno brigando com a cadela, esta protegeu os seus filhos e estava na frente lutando e os demais cachorros estavam também partindo para a briga com o bicho, com isso meu avô partiu para cima e começou a bater com o reio e logo o bicho partiu para pegar ele e os cachorros, as características do animal eram de um suíno grande e magro, mas a cabeça meu avô não viu porque segundo ele a cabeça era muito baixa, no escuro não via jeito.

Recentemente o meu amigo Adilson Leão, este ainda jovem, que teve a sua infância no interior de São Cristóvão, me contou uma história que acontecia na sua comunidade, de um lobisomem, o qual ele muitas vezes viu e quando era rapazinho ia para a casa da namorada e quando voltava, seguia por cima da linha do trem e sentia que estava sendo seguido por algo, e no outro dia o elemento dizia pague uma cachaça para mim e lhe contava que tinha acompanhado ele por cima da linha do trem. Eu estava em nosso terreno no Canindé de São Francisco e a nossa casa fica a menos de 30 metros do lago de Xingó, é de praxe todas as noites ficarmos deitados em redes, apreciando a beleza daquele local e uma das conversa em pauta é alguém falar de visagem e bichos que andam pela noite. Além de nós, os moradores, às vezes pernoitam pescadores, que são os responsáveis pelos contos, e o senhor de uma idade avançada nos contou uma história e depois

fez uma exposição de fatos que me deixou em dúvidas, ele nos disse: No tempo passado não tinha energia não tinha estradas, não tinha o que fazer pela noite só dormir. As pessoas se ligavam a ler aqueles livros que são considerados de péssimas leituras, são os livros que falam em fazer o mal-exemplo, pessoas liam aquelas orações e se envoltavam, outras tinha aquelas orações para facas e armas de fogo não atingirem, outros liam para virar um bicho e depois retornar ao normal, assim era um lobisomem que virava no local que o porco, gato, ou cachorro dormiam. E lhe fiz algumas indagações e ele encerrou com o seguinte: Hoje, com o desenvolvimento, os jovens vivem em um mundo completo, tem tudo um garoto com treze anos já tem namorada, já tem a visão de um homem e antigamente ficavam rapazes e moças com até trinta anos sem conhecer nada da vida, e tinha a tendência de se apegar a este tipo de coisa, ele me disse: - vou lhe dar um exemplo: hoje em qualquer centro de umbanda as médiuns invocam um santo como é conhecido neste campo e elas bebem duas ou três garrafas de aguardente de uma só vez, logo volta ao normal e não fica indicio de embriaguez, a pessoa não sabe o que aconteceu e nem sequer fica com cheiro de cachaça, outros têm problemas físicos e dançam e pulam a noite toda, não é verdade? Quando é bem cedo, parece que dormiu á noite.

Sabemos que as histórias mais contadas são dos pescadores e caçadores, o nosso Pedro Carira, que era

um caçador muito experiente, do qual tivemos o prazer de ser vizinhos e sempre pela noite ele sentava na calçada, como a maioria das pessoas faziam entre família, amigos e vizinhos, entre tantas conversas ele disse: hoje eu fui matar um animal na espera que fiz em um poço no rio (espera significa se posicionar em um local que não seja visto pelos animais que vinham beber água) e quando subir na árvore que era meu esconderijo olhei ao redor e não conheci onde estava, fiquei tão alheio que não tinha noção da posição do sol eu ouvi pessoas conversando bem próximo de mim, fique pensando isto é a mãe do mato brincando comigo; depois ele viu chegar um veado bem grande e começou a beber, ele apontava a espingarda e na hora de apertar o gatilho, o animal desaparecia, com muito tempo ele pensou “se escurecer comigo aqui vai ser pior assim eu vou descer, sair por aí andando, vou encontrar alguma pessoa e tudo vai da certo,” logo encontrava as estradas largas e seguia, depois eu me encontrava com uma serra e fiquei andando de um canto para outro, a solução foi me sentar debaixo de um pé de árvore e com a cabeça baixa, depois vi quando chegou uma porção de pássaros cantando e ouvi uma pessoa rindo bem alto, levantei a cabeça e fiquei procurando os pássaros que tanto cantavam e quando voltei a olhar para o tempo, descobri que eu estava no botija, debaixo de um pé de braúna, até agora estou com a cabeça ruim.

Sabemos que a sereia está ligada aos contos dos rios dos mares etc. A caipora tudo que se diz ao mato, lobisomem e mulas sem-cabeça estão ligados à noite, à escuridão, ao deserto, assim forma-se um mundo tão rico, que atraem a todos, também já ouve pessoas falando que já viram alguns homens caminhando normalmente só que estes vestiam umas roupas resistentes que impede de ser atingido por algo, fomos criados escutando e tendo medo destas historias.

O nosso vizinho Chico de ioiô, gostava de contar em sua calçada, principalmente na noite de lua clara, a rua não tinha energia, a iluminação era de candeeiro, assim se reuniam em sua calçada os moradores para aquele famoso bate papo da noite, entre familiares, vizinhos e amigos. Chico de ioiô sentava mais Aninha, a sua esposa e José o seu filho, e nós brincávamos nos arredores do mercado, de cipó queimado e de bicho, mas quando nós ouvimos os cachorros latindo na Região do Matadouro Velho, todos corriam para perto dos mais velhos e a história de Chico era de alma e bicho, íamos dormir pensando, no outro dia Chico dizia: Seu Julio só foi a gente entrar e o bicho passar, só parece que ele esperava nós dormirmos e meu avô dizia: Eu ouvi quando passou uma cachorrada dos diabos e Chico dizia: O cabra era grande. Já o caboclo de reisado José Tuíca que morava na mangabeira e tinha costume de pela noite ficar na farmácia de Valdomiro escutando e contando história,

e só saía para casa quando a rua já estava quase toda fechada, mas as andanças dos lobisomens eram mais no sábado e domingo; pela noite tinha o abate de boi no sábado pela manhã e ficavam os restos dos animais, com isso os cachorros ficavam naquela região do matadouro, que era nas margens da estrada da mangabeira, as pessoas para terem acesso ao povoado mangabeira tinham duas opções: o matadouro ou a estrada que passava no cemitério, o dia que José Tuíca mais gostava de sair tarde da rua era no sábado, porque Segundo ele, domingo ninguém trabalhava, no domingo pela manhã chegava na loja de mãe e batia a vara no balcão e dizia: Dona Néia, esta noite quando sai da casa de Pereira, o bruguelo quase que me passa para a moela, só foi eu entrar em casa e fechar a porta e o danado passou, vinha acerando tudo, se eu atraso cinco minutos, Adeus José Tuíca! As pessoas conheciam os tipos do lobisomem pelo acompanhamento dos cachorros, era da seguinte forma: quando o bicho era valente, só andava acompanhado de muitos cachorros porque a briga era grande e quando o lobisomem era fraco, este aqui ou ali aparecia um cachorro latindo, porque estes não andavam na estrada e sim pelos pés das cercas; já outros contavam que ao passar perto do cemitério, sempre viam algo de anormal, ouvia pessoas conversando, outros chorando e que corria atrás de alguns que passavam por ali. Um certo tempo, descobriram que na nossa rua estava passando um

homem montado em um cavalo, depois da meia noite, e as pessoas olhavam pelos buracos das portas e viam um homem montado em um cavalo branco e este homem sem cabeça, antigamente o meio de transporte era o animal e o movimento para Simão Dias era regular e sempre pela noite, os homem transitavam montados a cavalo; segundo algumas pessoas este elemento era um negociante de animais que antigamente fazia esta trajetória e este cidadão veio a ser assassinado e para estas pessoas estava ele pagando alguma pena, mas nós tínhamos um costume de ficar sentado no monumento do mastro da bandeira, que ficava na praça em frente a porta do meio do mercado e nós íamos até altas horas conversando ou mesmo alguns que sabia, tocando violão, em uma quinta-feira, todos foram dormir e fiquei mais José Dorinha, quando foi meia-noite, a rua toda em silêncio ouvimos os cachorros latindo na região do matadouro e eu disse: Dorinha tudo indica que é o bicho, fiquei atento, logo ouvimos as pegadas forte de animal no calçamento. Dorinha disse: É o homem sem cabeça, com isso corremos para a esquina do mercado e ficamos aguardando o animal passar. De fato o homem não tinha cabeça e logo entrou no sentido da tapera, depois Dorinha disse: Vamos até o tanque velho para nós vermos o rasto do animal e clareou com a lanterna e assim fomos com muito medo, próximo do tanque velho, ouvimos um animal movimentar-se debaixo de um pé de árvore e Dorinha

clareou com a lanterna e descobrimos, era uma égua branca com sela, amarrada na árvore, quando chegamos perto, o animal estava cansado pelo galope que vinha andando, conhecemos o animal e descobrimos que o seu dono ao passar pela rua ele botava um capote na cabeça e não nos ombros, com isso, quem olhava por trás não via a cabeça, a Capa Colonial cobria todo corpo, ele deixava o animal amarrado e vinha para a rua a pé, fazer alguma visita proibida.

A Capa Colonial sempre teve as suas lendas, conheci um cidadão que era um pouco namorador, mas cauteloso, um dia ele estava esperando uma parceira e descobriu que estava vindo outro ao seu encontro e conheceu que ele não era de guardar segredo, pensou “vai me conhecer e mesmo vendo eu sozinho amanhã o comentário vai ser grande, mas ele é de pouca coragem e dificilmente anda armado; a lua está clareando bem, vou esperar ele se aproximar mais, assim que chegar mais perto eu boto a capa na cabeça e corro de quatro pés de encontro”, o outro quando viu aquele objeto todo escuro vindo ao seu encontro, tentou correr mas logo caiu e começou a gritar: Me acudam que o lobisomem está me atacando! E foi aquele corre-corre.

No outro dia o cidadão foi até o encontro do outro e disse: Me diga como foi, ele disse: O bicho era grande, não vi a cabeça, só lhe digo uma coisa: O danado só fedia a pé de cabaceira, mas mesmo assim

eu lutei com ele, não consegui segurar porque era liso demais, na verdade a capa colonial é feita de um material conhecido como baeta, ela acumula a água e suor e as pessoa dificilmente lavam, botam sempre no sol para secar e com isso fica aquele cheiro ácido, mas mesmo assim, o cidadão morreu dizendo que lutou com o lobisomem.

É visto pela noite às margens do rio Vaza Barris ou na maioria dos altos, as luzernas, que de longe se vê quando aparecem aquelas duas luzes pequenas que ao se aproximarem dá impressão que vão crescendo e logo se chocam, mas a história conta que o encontro daquelas luzernas é os compadres e as comadres que em vida tiveram casos amorosos e depois de mortos ficam sofrendo, pagando a pena assim que se encontram, pegam fogo.

Outras histórias que são contadas por muita gente são a respeito da caverna da flecheira. Segundo informações, naquela caverna têm salões de baile, cozinha, quartos, salas e móveis de todos os tipos, ali é um castelo encantado, pela noite se ouve movimentos e conversas, para dona Rosa Tavares que muitas noites dormiu naquela caverna, ali se trata de um palácio que durante a noite se via o Rei e a Rainha...?

XVIII – Educação



ESCOLA RURAL DE FEIRA NOVA

Oficialmente a nossa primeira professora foi a Sra. Olga, esta professora do estado, que ensinou e residiu aqui, utilizava uma casa simples que ficava nas imediações da praça da feira, como residência e sala de aula, com sua saída veio dona Jovelina e depois foi substituída por dona Dulce e seguiu com: Benigna, Rita, Bernadete e logo surgiram as professoras filhas da terra. As primeiras professoras representavam umas líderes para as famílias mais simples, faziam o papel de assistente social, iam em casa das pessoas;

orientavam, apoiavam aqueles mais necessitados, e no caso de doença, elas faziam campanhas para adquirir algo para socorrer os mais precisados. O nosso povo tinha pouco acesso ao desenvolvimento, elas que vinham de outros centros eram pessoas com uma visão muito acima da nossa, também tivemos professores particulares, como dona Didi e outras.

O primeiro prédio construído para ser uma escola, foi a escola Rural de Feira Nova, esta tinha uma sala de aula e outra parte que era a residência da professora e no meio era o local dos alunos ficarem na hora do recreio, este grupo foi feito na Praça da Igreja, a Igreja que teve o início da construção após o funcionamento da escola rural, nesta praça tinham poucas casas, eram vistos matos, onde nós brincávamos, principalmente nos terrenos, hoje são casas em frente da Igreja. A praça era a seguinte: A rua ia até Idelgilson, do outro lado até o Deso, esta era a última casa e na frente da escola, tinha o início de uma pequena construção, que se dizia que era uma Igreja, as paredes estavam na altura de cobrir, mas no seu interior servia como Sanitário público ou curral para animais; por trás da escola, era uma verdadeira mata, eram pés de frutas e outras plantas nativas.

A nossa escola funcionava da seguinte maneira: Uma única professora em cada turno para todos os alunos, tinha como a primeira turma o ABC e a última a quarta série primária. As provas eram feitas nos últimos dias de aula do ano, se tinha uma única

oportunidade, se não alcançasse a nota cinco na prova, que abrangia toda a matéria estudada durante o ano, poderia ser considerado reprovado; a prova do quarto ano primário, era feita no Grupo Escolar de Campo do Brito, iam na véspera pela tarde, acompanhados pela professora e no dia seguinte, pela manhã, se submetiam ao exame; era muito difícil para os alunos que estavam concorrendo em um local diferente, isto pesava muito na responsabilidade do aluno, no outro dia ao escurecer, chegava a pé ou montados em animais, os que foram aprovados, comemorando. Os reprovados, decepcionados e tristes, os alunos iam na véspera para Campo do Brito porque não tinha transporte certo, e deles que não tinham onde pernoitar em Campo do Brito, seguiam no dia, antes do amanhecer. Nós alunos, tínhamos um grande respeito pelos nossos professores, tanto na escola como na rua. Às vezes éramos obrigados a ir para a casa quando brincávamos na rua com os outros meninos, a professora passava e via que aquela brincadeira podia terminar numa briga ou mesmo algo errado que estávamos fazendo, nos mandavam para casa, ou para a sala de aula. Os alunos do quarto ano sentavam na frente e a garotada do ABC atrás, eu sabia ler o ABC, mas não conhecia as letras, era decoreba e o pior era a régua que a professora tinha em cima da banca, o menino ia dar a lição, mas só pensava na régua, para o mais adiantado, a tortura era maior, além da régua tinha a palmatória, que era a pior, a professora se

comportava como um juiz, os alunos tomavam seis bolos ou ficavam de pé durante muito tempo em frente do quadro e quando a pena era menor, puxava as orelhas e mandava se sentar e se alguém mangasse, passava pelo mesmo castigo; mesmo assim, na minha vida e dos meus colegas, tudo de melhor que alcançamos, devemos a Deus, a nossos pais e nossos professores. Só temos que desejar felicidade para todos, aprendemos a respeitar as pessoas, não só na nossa casa, mas também na escola, principalmente os mais velhos. Lembro-me que, quando chegava uma pessoa na porta de nossa sala ficávamos de pé e em silêncio, até receber a ordem da professora para sentar, mas tinha uma história que nos deixava preocupados, era a visita do Inspetor.

Segundo o professor, o inspetor era um funcionário da educação que visitava as escolas para ver quem eram os alunos mal-educados, sabíamos que ele só andava de carro e quando víamos um Jeep parar nas imediações da escola, ficávamos calados e outros diziam baixinho: É o carro do inspetor! O mais interessante é que eu estudei até o quarto ano e nunca apareceu um inspetor! No nosso pensamento, ele era um homem com uma roupa parecendo soldado e que tinha uma cara bem feia e que falava bem pouco, e era um pouco gordo, que era um cala-menino, cala-menino é aquele elemento tão brabo, que quando uma criança está chorando, a mãe diz: Você se cale, se não eu vou chamar fulano e o menino deixa de chorar.

Na escola tinha sanitário, mas não tinha água, tinha um pequeno tanque, que quando chovia, enchia, mas logo secava, e só ficava a criação de sapo; quando o aluno queria fazer alguma obrigação fisiológica, pedia licença a professora e esta lhe entregava uma pedra redonda, que era a única e com esta pedra o aluno ia até o mato e fazia sua obrigação, não tinha papel higiênico e nem água para lavar as mãos. Com a pedra era a maneira da a professora controlar a saída, se alguém estivesse com cólicas, tinha de esperar sua vez, quase todos os alunos do povoado Feira Nova estudavam nesta escola, mas na década de sessenta o Deputado Federal José Carlos Teixeira, arranhou uma verba federal para construção de uma sala de aula, foi construída e logo o povoado passou para cidade e neste prédio passou a funcionar a Prefeitura e hoje é a Câmara dos Vereadores. A primeira obra construída na cidade foi a construção de uma escola com quatro salas que recebeu o nome de escola estadual Emeliano José Ribeiro, com isso a escola rural foi ocupada por pessoas que vieram morar, em suas terras construíram casas e da nossa escola só ficaram as lembranças. Quero homenagear as minhas professoras do primário, as senhoras: Bernadete, Ângela, Estelina, Clarice, Raulina e Alfradizia.

XIX – Religião



IGREJA MÁTRIZ

Na verdade o catolicismo é a religião mais predominante do mundo e a comunidade segue com essa tradição, mas observamos que os evangélicos também são responsáveis pela formação religiosa do povo, com a criação de várias igrejas evangélicas, o

nosso povo só tem a ganhar, o importante é que se mostre ao homem o caminho que o leva a Deus.

Onde tem Deus não há miséria, não há fome, não há violência e sim paz e amor para todos. Sabemos que aqueles que não têm amor no coração, sofrem porque o ódio é a base de tudo aquilo que se chama de mal, e se observar que uma pequena parte de pessoas ainda confiam exclusivamente na ciência, e pregam idéias, que para eles são as verdadeiras, outros se apegam ao candomblé, uma cultura que vem desde o nosso descobrimento, com a chegada dos nossos escravos, que foram os responsáveis pelas grandes construções e pela mão de obra daquele tempo, estes invocavam os santos de sua guarda. Sabemos que os escravos não tinham acesso às Igrejas, para assistirem missas ou qualquer movimento religioso, com isso eles tinham em suas senzalas danças e invocavam a presença de seus santos, como era chamados na linguagem das pessoas ligadas ao candomblé chamam de “emcabocados,” toda essa cultura veio dos povos de origem africana se nós voltarmos na nossa história, saberemos que tanta beleza que nos atrai, como por exemplo; Os casarões, as belas construção antigas e que os senhores donos de tudo usavam os nossos irmãos de cor escura como animais irracionais. Filhos ainda pequenos eram separados de seus pais, como um animal qualquer era vendido ou trocado por qualquer outro objeto; para os senhores estes pais e filhos não se amavam, porque tudo isso só estava na cor da pele,

o branco tinha frio, fome, amor e dores e as outras pessoas nada sentiam, por isso é que não podemos aceitar a tudo que às vezes tentam implantar entre os mais humildes, vamos lembrar das grandes lutas do passado, os nossos líderes que sofreram ou mesmo morreram, defendendo a igualdade do povo, um grande exemplo é Zumbi dos Palmares e tantos outros, por isso tudo que fizermos, para que a sociedade seja justa e humana não é mais do que uma obrigação de um cidadão.

São Domingos deveria ser uma comunidade mais católica, quando foi para construir uma Igreja para o então povoado de Feira Nova, acharam que uma era pouca, e deram início logo a duas. As famílias mais antigas daqui tinham em seu oratório, um santo de sua devoção, e todos defendiam os seus, assim era difícil chegar a uma conclusão, mas depois disseram: Se esta comunidade é nas terras de São Domingos, o padroeiro deve ser o dono da terra, foram ao vigário de Campo do Brito e falaram da necessidade de ter o santo de todos, os mais interessados eram os Senhores Juvêncio Mendonça de Brito e José Ribeiro de Andrade, estes levavam os problemas da Feira Nova aos poderes em Campo do Brito, o vigário se interessou e a imagem de São Domingos, que veio da cidade de São Cristóvão, ficou na paróquia de Campo do Brito, o padre pensou em só trazer a imagem assim que tivesse a sua capela, mas a situação do povo era um pouco difícil financeiramente, o padre de Campo

do Brito sempre celebrou missa na casa de seu piano, era uma casa com uma varanda grande e se reuniam muita gente naquela sala, assim resolveram trazer a imagem para esta casa e depois fazer a capela, assim foi feita, no dia que a imagem veio para o povoado, foi um dia de muita festa, a imagem saiu de Campo do Brito em uma tarde acompanhada por muitos religiosos, os quais vinham a pé e soltando os tradicionais foguetes e daqui saiu um acompanhamento com os zabumbeiros e tocadores de pífanos e ao chegarem no povoado Pilambe surgiu o encontro e o acompanhamento foi reforçado, assim que chegou no povoado a imagem foi guardada na casa de seu piano, depois do padre celebrar a missa, com o tempo foi construída a pequena capela que ficava na praça da feira.

Mas sua construção era de péssima qualidade, a capela começou a cair e a imagem foi levada para a casa de seu Pinduca onde passou muitos anos. Pensaram em construir a igreja no local da capela mais descartaram a possibilidade, por ser uma praça de feira e no futuro não daria certo assim, resolveram construir na praça que está surgindo e que já tinha escola rural; neste local seria melhor, mas surgiram os organizadores para a construção da Igreja e a maioria era o pessoal ligado ao partido político UDN, com isso pareceu ter conotações políticas e teve seu início, parecia que a igreja ia ser construída naquele mesmo ano, foi iniciada no mês de julho de 1955 que tinha

como encarregado da obra o mestre Valdomiro pedreiro. Segundo os organizadores esta era a igreja de São Domingos, mas o pessoal ligado ao partido do PSD não participou desta construção e deram início a outra igreja na entrada do povoado, ou seja, na rua do Brito que tinha como Santo Nossa Senhora do Socorro. Criou-se uma polêmica com essas construções mas se justificava que era normal, em Campo do Brito não tem São Roque e nossa Senhora da Boa Hora? Assim a feira Nova tinha São Domingos e Nossa Senhora do Socorro e logo parou tudo, a igreja de São Domingos teve as suas paredes a altura, e não tinha a torre já a de nossa senhora tinha as paredes a altura e tinha uma alta torre, ambas sem cobertura, por muito tempo serviu para os animais pastarem e as pessoas fazerem de sanitário público. Quando o padre descobriu que a comunidade não tinha interesse de fazer uma igreja e sim disputa política, se afastou e os donos da verdade não mostraram suas eficiências, esqueceram.

Mas em 1960 o Prefeito de Campo do Brito, Graciliano Apolônio da Fonseca, que tinha um excelente relacionamento com o padre, se mostrou com interesse em ajudar na reforma das capelas e junto com o padre assim fizeram nos povoados que não possuía, e a de Feira Nova, que era um povoado maior, resolveram construir a igreja e com ajuda do Prefeito e do povo, o sonho foi realizado e o prefeito mais o padre e a comunidade decidiram que a igreja

seria na praça, assim aproveitaram a parte da igreja construída que se dizia da UDN e em conversa com pessoal do PSD todos chegaram a conclusão que deveria ser na praça e a outra foi demolida e o terreno foi doado para a construção das casas. Neste tempo estava sendo realizada uma Santa Missão, a nossa igreja sempre vem recebendo reforma e ainda não se chegou a uma construção concreta, sempre precisa alterar algumas coisas. Através da Santa Missão, nós tivemos uma grande obra feita, trata-se do tanque da missão, o qual espero que no futuro não se pense em aterrjá-lo como o tanque velho.

Nós éramos uma comunidade que durante o verão sofríamos muito com a obrigação de pegar água para beber nos minadores do rego e do sapucaia, tínhamos de subir e descer as ladeiras e lá as pessoas iam pela noite onde ficavam esperando minar tão pouca água, esperava pela vontade do minador as mulheres e os meninos não tinham o que fazer a não ser esperar. Eu fui muitas vezes quando menino, junto com minha tia Zefa antes do dia amanhecer pegar água e aproveitarmos para tomar banho com os outros meus irmãos, o pior era quando se pensava em subir a ladeira do rego ou da barragem, mas neste tempo já tinha o tanque da missão, mesmo assim, no verão, este tanque ficava com pouca água, lembro que os meninos às vezes atravessavam andando a pé, era pouca água, a seca era grande, mas este tanque abençoado por Deus nunca secou, foi construído na década de quarenta.

Apareceram dois missionários; frei Inocência e Germano, era um ano de muita seca e o frei via o sacrifício do povo durante toda noite e dia á procura de água, assim resolveram convocar todos os homens para cavar o tanque, No sermão da noite os religiosos falavam da grandeza daqueles que cavaram e carregaram barros em bangüês e convocava mais homens, eles diziam: Hoje tinham tantos e amanhã queremos ver mais.

Frei Inocência coordenava os trabalhos, era mestre de obras, enquanto isso frei Germano visitava as comunidades, no ultimo dia da missão o tanque estava pronto, cavado a braço de homem, seria bom se a maioria dos jovens visitasse aquela obra para ver quanto se trabalhou e no sermão da noite os religiosos fizeram os agradecimentos, primeiro a Deus, que deu força a todos e depois a toda comunidade, todos foram para suas casas e na madrugada se ouvia a chuva caindo no telhado e pela manhã as pessoas foram se despedir dos religiosos pisando na lama, logo pegaram suas bagagens e seguiram para Campo do Brito, montados em animais, ao passarem no tanque, banharam seus rostos e as mãos com aquela pouca água barrenta que apanhou durante a noite e seguiram, mas a chuva continuou e logo o tanque estava cheio, que banhava a estrada, foi uma benção de Deus!

XX – Folclore



BACAMARTEIROS

É comum o nosso passado cair em esquecimento e o folclore não é diferente; grupos desapareceram. Hoje se vê falta de reisados dos Caboclinhos. Estes grupos só apareciam nas festas Juninas, eram homens em trajes de índios pintados com muitas penas em suas vestes e tinham como líder um cidadão mais enfeitado, com a coroa de pena e roupas que se reduz simplesmente a um shorte, com chocalhos em quase todo seu corpo, sempre acompanhado de zabumbeiro e tocadores de pífanos.

Homens andavam a pé, durante o dia andavam mais de vinte quilômetros, muito preparo físico, sempre andavam correndo, eram do povoado Brasília, município de Lagarto e andavam muito aqui, tinham como chefe o Sr. José Palhaço, o reisado de José Tuíca, de Dionísio e de xaxado, hoje só restam os bacamarteiros, que não recebem ajuda de nenhuma entidade, estes hoje são representados até por bisneto dos seus fundadores, é visto na televisão no dia de São João. Uma matéria com os nossos bacamarteiros vem sendo repetido todos os anos, mas mesmo assim não há como chamar a atenção do órgão responsável pela cultura do nosso município, apesar de que outros município gastem fortunas para expor a sua cultura, nós recebemos todo o apoio da TV Sergipe e não entendemos.

Vemos aqueles senhores simples desfilarem com tanta felicidade com seus bacamartes em péssimo estado, com suas roupas desbotadas e suas sandálias, a maiorias passadas de uso. É verdade que a escola Emeliano José Ribeiro e outras, apresentam todos os anos em um único dia em nossa praça, comidas típicas com apresentação dos grupos folclóricos, apresentados pelos alunos, é um sinal que estão acordando, mas isso é muito pouco.

XXI - Política

São Domingos é um município em que a política tem um comportamento normal. No momento das eleições, cria-se uma luta pelo poder, mas após as eleições é respeitado o resultado e tudo volta à normalidade e todos passam a viver em harmonia. Temos 36 anos de emancipação política e nunca se tentou chegar ao poder através da violência, como ocorre em centenas de municípios brasileiros. Às vezes os eleitores fazem a escolha que só atrasam; o voto não é dado com o valor que ele tem, a propaganda mentirosa ou mesmo a falta de conhecimento do eleitor que não sabe os deveres dos administradores e também não conhece seus direitos, vivemos assim porque nossa cultura é pouca e ser corrupto é um título de prestígio em alguns setores da sociedade.

Todas as eleições em São Domingos, há disputas dos candidatos, todos têm direito de concorrer a todas as vagas, democracia é isto e no final respeitando a vontade da maioria e as leis.

A nossa sociedade é machista, vejamos as pouquíssimas mulheres que participam das disputas eleitorais. Em todos esses tempos só duas senhoras sentaram-se na cadeira de vereadores: a Dona Maria das Graças, esposa de seu Laurindo que foi eleita e ocupou o cargo por todo o mandato e recentemente

Dona Josefina de Zilo que ocupou a cadeira por alguns dias. Em pesquisa feita no mundo ficou constatado que as mulheres são mais estáveis no serviço social. As pessoas que tem uma formação mais elevada vêm na política uma coisa suja e se distanciam com isso deixam espaço para os ruins e no final as pessoas dignas passam a ser usadas pelo poder daqueles mal intencionados, não estão preparados para ocupar aquele cargo e no final todos pagamos pelos erros dos nossos representantes. Às vezes escuto pessoas preparadas, lamentando pelo erro de alguns políticos e logo digo: Entre na política! E escuto Deus me livre! A solução não é criticar e sim participar. Esperamos que os políticos se conscientizem que ser popular ou ajudar ao povo, não é dar ficha médica liberar carros da prefeitura para servir a quem for de sua preferência ou ser amigo de delegado, para pedir para soltar os amigos, ou mesmo para prender os adversários.

Sabemos que os prefeitos são pagos para administrar tudo aquilo que é do povo e os vereadores são para criar e votar projetos, fiscalizar o dinheiro gasto pelo Executivo, o mesmo se estende para o estado e a federação; que bom se os políticos deixassem de lado o modelo que usam e descobrissem o papel do Executivo e do legislativo.

E uma verdadeira farra com o dinheiro público, principalmente em alguns pequenos municípios; tenho certeza que a maioria dos políticos agem desta

maneira, mesmo sabendo que esta não é a maneira correta, mas o sistema envolve todos e nunca pára.

XXII – Golpe militar – 31 de março de 1964

São Domingos passou à cidade em um momento muito especial, o Brasil em crise, estávamos vivendo democraticamente e de repente surge um golpe militar e o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco assume o Governo. Por falta de conhecimento, as pessoas ficaram sem entender o que houve. Não tinha televisão para mostrar; mesmo que a imprensa tentasse mostrar não conseguia, o Governo tinha o controle de tudo, só mostrava aquilo que viesse beneficiar o regime.

O Brasil estava caminhando para uma Guerra Civil. Em todas as regiões o povo demonstrava insatisfações, com as entidades frágeis, segundo diziam os golpistas. Com o golpe o governo usou suas forças e tudo voltou a normalidade. Mas mesmo assim, os Jovens, estudantes, intelectuais, artistas, cantores, etc, não aceitavam este regime e na década de setenta o governo Médici de maneira covarde, torturou e matou muita gente, era o povo acompanhando os resultados da copa do mundo e eles matando nas caladas, observem que hoje se ver familiares protestando e exigindo os restos mortais de pessoas que desapareceram.

Na luta do Araguaia, muitos jovens sofreram torturas e mortes.

O golpe militar (31/03/1964) foi difícil para um município que tinha nascido naquele momento, tudo parou, não havia eleição para Governador e um Senador em cada estado, inclusive para prefeito das capitais, todos eram indicados pelo Presidente da Republica, ou seja, os conhecidos biônicos, com isso o Governo Federal tinha tudo em suas mãos, o partido do governo era ARENA e o da oposição era o MDB, o maior partido em quantidade de filiados era Arena todos queriam estar do lado do Governo, o MDB era o melhor partido, pois tinha as melhores cabeças, Tancredo Neves, Ulisses Guimarães, Teotônio Vilela, Pedro Simon etc. Os mais radicais viviam na clandestinidade, a maioria destes foram exilados ou presos, exemplo: Leonel Brizola, Governador do Rio Grande do Sul e tantos outros que faziam parte dos estudantes, artistas e políticos da ala progressistas. Quero lembrar de grandes lutadores: Miguel Arrais, Carlos Prestes, João Amazonas e outros, naquele tempo se diziam: Fulano de tal cassado o mandato e preso por ter tirado o dinheiro do cofre e pronto, mas um amigo de uma cidade longe da nossa me disse que estava para ser chamado à presença de um juiz e pegar a sua sentença, um político que foi obrigado a devolver uma parte do dinheiro, o qual tinha gasto e não tinha justificado o seu fim, estava lhe ameaçando de processá-lo por calúnia e constrangimento à sua família, este rapaz tinha dito que o cidadão estava devolvendo, porque roubou e chegou ao ouvido dele e

este dizia a seus amigos: Ele quer me desmoralizar foi improbidade administrativa e não roubo! E seus adeptos diziam: - muito bem, não dê moleza, é para ele aprender a respeitar o senhor! Outros dizem: - não foi roubo, foi um dinheiro subtraído de tal setor administrativo. No regime militar era muito difícil, uma grande parte que ocupava cargos não precisava de votos, os políticos de pequenas cidade não tinham como pressionar os órgãos, só os Deputados Federais e Estaduais eram os únicos caminhos para viabilizar algo, e assim mesmo com certo limite, sabemos que os cargos considerados especiais foram ocupados pelos Militares; neste tempo as Prefeituras tinham suas contas fiscalizadas pelo Exército, era visto nos municípios Militares visitando obras que tinham sido construídas com dinheiro Público e todos administradores não podiam ouvir a frase: -“se roubar vai para a ilha de Fernando de Noronha,” mas no Governo do Presidente João Figueiredo começaram as aberturas política, surgiram candidaturas para Presidente da República com dois fortes candidatos pelo MDB Tancredo Neves e pela Arena o Sr. Paulo Salim Maluf, estes foram votados pelo Congresso Nacional e Maluf, foi o derrotado, sinal claro que o regime tinha chegado ao seu fim, mas Tancredo Neves, não assumiu, na véspera de sua posse, adoeceu e veio a morrer, assume o seu vice, o desconhecido José Sarney que veio do Maranhão.

Quando eu estudava o curso Ginásial no Ginásio padre Freire de Menezes, em campo do Brito, todas as sextas-feiras pela manhã os alunos formavam-se em frente da Bandeira Nacional, esta era hasteada e todos cantavam o Hino Nacional em posição de sentido, alguns dias tinham a presença de Militares do Exército, depois na sala ouvimos a sua palestra falando sobre o regime militar, o mesmo passamos no Colégio Estadual Murilo Braga em Itabaiana, quando cursava o Científico.

De 1964 até 1970, quando a pressão dos militares era grande na cidade de Laranjeiras, foi preso um rapaz porque tinha as idéias de comunista segundo falavam.

O Policia Fiscal José Vicente, foi o meu primeiro chefe no Posto Fiscal de Candeias em 1977, era um moreno baixo e franzino, que nasceu e se criou na fazenda conhecida como os brejos na Região do cotinguiba José Vicente era um homem muito inteligente, era escritor e poeta, tocava quase todos os instrumentos musicais, e muito sincero, ele trabalhava na Exatoria de Laranjeiras no tempo da prisão do cidadão e na cidade ninguém falava a favor do rapaz, todos tinham medo, um dia chegou na exatoria, um senhor acompanhado com mais dois e assim que chegaram, se identificaram e começaram a falar com o chefe da exatoria, perguntando se ele não via falar de um comunista ali e se ele soubesse, ajudasse dando informação e o exator só dizia: Sim, senhor! E José Vicente olhava para o colega e via o homem pálido, só

tremendo, José Vicente faltou paciência e pediu licença para participar da conversa e logo disse: Não acredito que aqui tenha comunista, este coitado que está preso me disseram que é analfabeto, agora eu sei o que é comunismo, quando eu estudei o primário na Manilha município de Areia Branca, na década de trinta já no final, no livro do bom aluno nas páginas 19 ate 22 com uma professora velha que tinha o nome de Dona Maria, Professora particular, dizia o seguinte: É impossível no mundo ter um país que seja comunista, as pessoas confundem o socialismo com o comunismo, no meu entender, o país que tem um socialismo que mais se identifica com o comunismo é a Albânia e outros países é um socialismo mais para capitalismo do que para a classe proletarista, e outra, se vocês conhecessem a bíblia sagrada que diz Jesus Cristo foi o maior socialista, ele pregava o pão para todos e dividir por igual e se os senhores não tiverem apressado, eu irei pegar o livro em casa para os senhores lerem, com estas palavras os homem se despediram e foram embora.

XXIII – As maneiras para se manter no poder

Os políticos usam métodos que só depende da personalidade de cada um. Existem aqueles que chegam ao poder com intuito de melhorar a situação de todos, a meta é trabalhar em prol da coletividade dando mais independência à população, estes serão classificados como ótimos por começar e terminar suas obras, mas dificilmente se manterão no poder por muito tempo. Sabemos que uma grande parte da população esquece aqueles que fizeram e tem aqueles considerados populistas que começam e não acabam e ficam ligados a este cordão, se me deixarem, eu acabo e vai levando, dificilmente o homem trabalhador faz o seu sucessor ou mesmo se elege de novo, o outro assume dizendo por enquanto não posso fazer nada porque recebi muito débito e vai levando com a política que em cada família grande escolhe o chefe e diz: - o senhor vai receber todos os meses um salário, não precisa ir para lugar nenhum, pode deixar que alguém vem pagar em sua casa, não é muito mais dá para pagar a conta de luz ou então fazer uma feira. E o cidadão que vai receber aquela honrosa mesada diz: Isto é um homem, como teve atenção a mim todos os meses vou receber meus vinte reais! Mas, aquele cidadão têm vinte ou trinta eleitores em sua família e todos têm de seguí-lo. E se caso alguém se manifestar para votar contra ou diga que está achando algo errado

naquela administração, automaticamente será chamado para se explicar e se não voltar atrás, pode perder o direito de participar da família e se torna um rebelde, com isso filho passa a não dar a benção ao pai, mulher se larga do marido, etc. Mas o chefe que é o beneficiado não sabe que ele está vendendo a sua dignidade e de seus familiares por um real ou menos por ‘cabeça’ ao mês, outros deveriam pagar o mínimo de 100,00 a cada e vai pagar 40,00 reais e dizendo: - estou fazendo o impossível para ajudar a todos, fora o domínio que eles têm na saúde, educação e segurança.

E na parte da construção nada faz, mas quando está próximo da eleição, dá início a uma obra e prolonga para eleger de novo o seu sucessor e começa a espalhar os boatos: Olhe! Se meu adversário ganhar não vai terminar esta obra que tanto temos vontade de ver funcionando e tudo que eu fiz ele vai desmanchar e o povo começa a ficar em dúvida “ele já começou, pode terminar e outro se for verdade deixa sem acabar” com isso o elemento ganha mais uma vez e manda medir de vez em quando e o povo dizendo: - Agora parece que vai! No tempo da eleição ele vai terminar, mas só deixa para inaugurar na semana da eleição e ali mesmo, lança outro projeto que leva mais dez anos e vai se elegendo e elegendo outros e quando vai surgindo outro líder começam aparecer as histórias inventadas. Tenho lembrança que aqui em São Domingos na eleição para presidente Fernando Collor e Lula pessoas saíam dizendo: Olhe se Lula ganhar,

vai fazer uma reforma agrária e todos que têm terra vão dividir com os que não tem, aqueles que só tem um hectare ou menos perguntavam! Mas para nós, donos de malhadas isso não vai acontecer! E o entendido dizia: São todas as terras! Muitas vezes as pessoas me perguntavam e citavam o nome do cidadão, já em outras casas diziam: - aqui tem velhos aposentados pelo funrural, (aposentadoria para trabalhadores rurais), se Lula ganhar vai cortar a aposentadoria, com isso os velhinhos ficavam preocupados, e nos ficávamos tristes de sabermos que tem pessoas que se ocupam em fazer um papel tão horrível e baixo como este.

Ao falar destes maus administradores dos quais se ouve muitas criticas, mas queremos dizer que se olharmos pelo lado da corrupção uma grande parte da população é tão ou mais corrupta do que estes elementos. A pessoa que só vota naqueles que lhe beneficiam com algo em troca do seu voto, ou mesmo depois da eleição se coloca a disposição destes administradores para acobertar os desvios do dinheiro publico (como os tão conhecidos laranjas), estes são utilizados das seguintes maneiras, o administrador desvia o dinheiro - como estar comprando um objeto por cem reais e o vendedor emitir uma nota ou recibo acima deste valor - outros fornecem estes documentos de produtos que ele nunca vendeu, o administrador pega todo aquele dinheiro para ele e vezes que não dar nada ao compassa, mas na verdade todos nós vimos e

ouvimos a cada dia nos meios de comunicações denúncias e mais se referindo a propinas,. Como por exemplo, o elemento manda fazer uma obra que se faz com cem mil reais normalmente e ele faz questão de pagar duzentos mil, porque os cem mil de sobra ele fica com quase todo, mas ele vai ter que gastar este dinheiro aí aparece o papel do laranja, o administrador começa a comprar bens e coloca em nome destes. Assim vai se criando um circo de corruptos e a cada dia que passa mais roubo fazem, e o mais interessante é que investem em coisas erradas ou compra por mais do valor. Vejamos, todo elemento que age assim, quando sai do poder em poucos meses, ou ano, cai na falência, ele não sabe administrar nada e quando vai vender os bens, só vende barato, porque existe um ditado que bem de roubo nunca dar camisa a ninguém.

Sabemos que a população é inteligente, conhece todas estas manobras, mas, grande parte se cala, assim nunca teremos um Brasil que tanto desejamos, não saberemos como será nossos últimos dias.

Agora imaginem os dos nossos filhos! Vamos refletir, pedimos aos nossos professores, vocês que têm o poder de ensinar que discutam com seus alunos, fale sobre a corrupção, fale sobre a violência, a prostituição, a droga, o desemprego, e mostrem aos nossos jovens que o trabalho e a honestidade é o alicerce do homem. Não vamos atrás de algumas promessas mentirosas ou coisas momentâneas. Honestidade sim! Desonestidade não!

XXIV – Os Jovens e os dias de hoje

A nossa juventude é a esperança de todos! Confiamos na força e na inteligência desses futuros líderes.

Os jovens de hoje devem ter, acima de tudo, personalidade, se tornando homem ou mulher com decisões próprias. A independência aparece com a sabedoria de conhecer o mal e o bem. E basear-se naqueles bons.

Todos nós que passamos por esta fase tivemos nossos momentos de aventuras, mas estar dentro das normalidades, vezes com um pouco de abuso, mas sem causar danos à nossa personalidade.

O jovem não pode se atirar em tudo, ele deve se preparar para ter uma juventude rica que venha servir de plataforma para toda sua vida. Não podemos ter uma vida digna se em jovem aprendermos a viver no mal. Se observarmos o momento é de tentações, as propagandas são tantas que às vezes as pessoas que têm uma mente pobre, se envolvem na onda, hoje é a prostituição, o homossexualismo e as drogas, estes são exemplos. Se você quer se destruir entre nestes mares de lama. Uma influência é a mídia que só atrai o povo mostrando aquilo que é ruim. Vou dar um exemplo: - Em uma comunidade, se acontecer algo de bom se comenta, mas logo entra na rotina e cai no esquecimento, mas quando acontece o mal, passa a ser

badalado por todos e por muito tempo. O mal tem uma força de aparecer mais! Na nossa vida existem estas vibrações: se você vive bem, aparece tentações para lhe levar para o mal, aparecem mulheres bonitas para tentar destruir o seu casamento, amiguinho com drogas que se apresenta feliz, elegante, com maneira de adquirir tudo com facilidade, tudo para ele é fácil e para você que é uma pessoa correta e trabalhadora é difícil. Tudo depende de muita luta, esta é a maneira do mal se apresentar, mas quando você está na pior ninguém aparece para lhe levar para o bem. Você é abandonado. Passa por necessidades e humilhações e a tendência é um final ruim.

O mal tem seus momentos excelentes e condenações para o resto da vida e o bem tem muitos momentos de dificuldade, mas tem paz para toda vida. Assim o jovem deve viver em grupo, mas com idéias de fazer e viver bem. Vamos namorar, estudar, dançar, criar coisas boas, vamos nos envolver na política para ajudar a tirar o que tem de ruim, vamos participar de grupos religiosos para ter um espírito Cristão, não precisa ser padre e nem pastor, basta participar. O jovem que conhece a casa de Deus jamais irá se envolver com o mal. Tudo leva para o bem. O jovem não pode ser ocioso e sim esperto e valente.

Estive observando em nosso município que todos os homens e mulheres que alcançaram ou estão alcançando uma vida com mais facilidade são aqueles que quando jovem tinham como obrigações de lutar e

se preparar para o futuro. Que naquele momento não tinham condições e só ficavam desejo, e a esperança de viver aquilo no futuro, com isso se chegou lá e outros que tinham tudo em suas mãos ficaram no tempo, não aprenderam a lutar e continuam na dependência de alguém ou estão, em um mundo sem rumo.

XXV - Jovens vamos a luta, mas com inteligência

Vou contar um passado que só a energia de jovens tem essa força.

- Estudávamos em Itabaiana, eu e mais uma turma de colegas, e todas as noites viajávamos no ônibus da Bomfim, pagávamos passagens todos os dias. Era um horário que o ônibus fazia de São Domingos para Itabaiana, com isso levava e trazia passageiros diversos, mas quando era motorista Chico Doido, ou outros que não se importavam muito com a ordem dentro do ônibus, eles diziam: - Podem brincar, não esculhambando o carro ou dizendo palavras que venham de encontro com as pessoas, assim tudo bem! Mas outro dia, aparecia motorista que ninguém podia falar nada.

Todos os dias se cantavam. Quando era tempo de eleição se discursava e os outros alunos batiam nas poltronas e de vez em quando tinha um início de uma briga entre os alunos, na sua maioria os daqui com os de Campo do Brito, mas tudo era resolvido. Passou-se certo tempo, a policia de Itabaiana, quando estava para terminar o ultimo horário, eles iam para a frente do Colégio para manter a ordem na saída dos alunos. E assim que nós entrava-mos no ônibus, já começava o espetáculo. Mas em uma sexta – feira, saímos do Colégio e ao chegar à saída de Itabaiana, ali nos eucaliptos, um determinado local que assim era

conhecido, a bagunça estava grande, o motorista tomou um rumo diferente voltando para Itabaiana, com destino à delegacia, parou o ônibus na porta e o motorista buzinou, saíram dois policiais, ele conversou pela janela e logo os policiais passaram para o lado da porta do ônibus, o motorista desceu e o soldado ficou no degrau da porta do ônibus, e disse: - não vai descer ninguém! E o outro embaixo para que ninguém descesse pelas janelas.

O motorista demorou um pouco, conversando lá dentro da delegacia, depois veio um policial e disse: - Acenda a luz do ônibus, tudo ficou claro, este foi até as últimas poltronas e se dirigiu a José de Jusa, o chefe das esculhambações. José disse: - É moda, eu já fui cantando até para São Paulo, dentro do ônibus e ninguém me prendeu! O policial disse: - Deixe de conversa rapazinho, vamos! E José de Juza seguiu. Antes de descer, outro colega se abaixou na poltrona e começou a gritar, então todo mundo acompanhou e o policial só era mandando descer e os outros aguardando em baixo, logo a maioria dos garotos já tinham descido e só ficaram os mais calmos e as mulheres. Lá o subdelegado disse: - Abra aquela sela e bote logo estes três, que era Zé de Juza e mais outros dois, e começamos a falar dentro da delegacia mas, ninguém tinha ido para a jaula, só era a conversa do homem, no final ele mandou todos irmos embora, chegamos mais de meia noite, mas assim que o motorista arrastava, começava a brincadeira; o

resultado do motorista que levou todos para a delegacia, quando chegou aqui, partiram para bater o elemento que tinha como cabeça Maria de Pedro Julio, o motorista não desceu do ônibus e foi a última vez que ele carregou estudante aqui.

XXVI – Zona rural

O município de São Domingos tem a sua população de aproximadamente 9.000 habitantes, mais de dois terço habita em sítios, estes habitantes vivem morando quase em ruas, sabemos que o nosso município é muito pequeno, em uma grande parte é desabitado porque ficam as regiões de serra, com isso os moradores da zona rural têm pouca terra e as casas são feitas muito próximas das outras, a diferença para a rua é que estas casas não têm alinhamento mas tem energia e água encanada, quase toda totalidade.

A nossa renda tem como base a agricultura, todavia não temos terra suficiente para plantar, vivíamos até pouco tempo atrás limitados, mas a mandioca que é o nosso produto principal, nós produzimos pouco, tivemos a iniciativa de importar a mandioca de outros estados industrializando aqui, com isso houve mais circulação de dinheiro porque a produção de farinha de mandioca cresceu e logo veio mais mão-de-obra. A zona rural de São Domingos tem a sua população ativa, exceto o povoado do Saco Vaza Barris, que tem as suas terras improdutivas na sua maioria pela sua qualidade inferior, mas tem muita água de boa qualidade.

A zona rural de São Domingos teve o desaparecimento de algumas comunidades, estas pela

falta de assistência e a localização serem um pouco escondida, desapareceram a Ilha, o Burdão e o Buril.

Estive recentemente acompanhado do nosso amigo Pedro, proprietário de um terreno no Saco, naquela localidade, e ele fez questão de mostrar-me e a Israel o projeto de irrigação que é o primeiro. E fomos até a pequena barragem que ele fez, é uma obra primitiva com o funcionamento caríssimo, mas mesmo assim ele disse que tem um lucro de 40%, a sua irrigação funciona a motor de combustão, a manutenção e o combustível são muito caro; perguntei a seu Pedro se conhecia algum projeto de irrigação do modo que ele queria implantar ali e ele me disse que não. Ouvia falar por outras pessoas.

A zona rural de São Domingos conta com: Posto telefônico, energia, escolas, posto de saúde, em quase sua totalidade. Nossos povoados são: Mangabeira, Campanha, Mulungu, Lagoa, Piripiri, Saco, Conselho, Tapera e Areal.

XXVII – Povoado Buriil – Extinto

O Povoado Buriil hoje com a indústria do Turismo seria a porta de entrada para o desenvolvimento de São Domingos. Vamos fazer uma comparação, a cachoeira de Macambira é muito bonita, com isso aquele município é conhecido por todos, outras vezes eu falando em São Domingos, alguns amigos perguntam: - fica perto de Macambira? Já fui à cachoeira! Desenvolve-se o povoado Buriil com poucos investimentos, mas alguém pergunta: Não tem como fazer a estrada sim este é o mínimo, porque se formos por Lagarto ou mesmo Macambira, se chega ao Buriil! Algumas vezes arranchado na Pedra da Arara e todas as vezes que lá vou, encontro grande quantidade de pessoas de Lagarto e Itabaiana e outras cidades. A pedra da Arara é cortada pelo rio vaza barris que tem sua água um pouco salobra, mas nós temos um riacho do Buriil com sua água doce e clara, o riacho raso que corta todo aquele sítio que passeia na sombra das fruteiras, às margens deste riacho tem frutas de boa qualidade exemplos: Banana, manga, coco, cana, jaca, etc. O buriil que no passado tinha sua bodega, seus moradores, hoje resta a sede da fazenda e uma escola do município que é abandonada; esta escola foi feita com a luta da professora Marinalva, na época Secretaria de Educação do município na gestão de Melquíades; ela me disse que com aquela escola

iriam surgir outras obras e com isso as pessoas voltavam às suas origens, mas todos os seus sonhos caíram por terra.

Perguntei a um senhor que nasceu no buril e hoje reside no povoado terra vermelha em Campo do Brito, eu disse: O senhor já pensou em voltar a morar no buril com muitas casas, energia, um barzinho para tomar um aperitivo e o poço da arara para dar uns pulos do alto daquela pedra no final de cada dia e ao amanhecer ouvir o canto das Seriemas no quintal das casas! Ele encheu os olhos de lágrimas e me disse não fale uma coisa dessa, quem sabe professora Marinalva, se logo o povoado buril não será o fornecedor de frutas e verduras para abastecer todo São Domingos e cidades da região quem sabem se nos finais de semana não será o local mais habitado de São Domingos, vamos pedir a Deus que direcione os olhares dos sem terras para aquele paraíso.

XXVIII – Primeiro delegado

O Primeiro Delegado do povoado Feira Nova foi Permino, este delegado era indicado pelo Prefeito e morava na sede do município Campo do Brito, este Permino era um Delegado de pulso.

Os delegados daquele tempo eram diferentes dos de hoje, agiam crucificando uns e aliviando outros, o delegado gostava de andar acompanhado de seus soldados pela noite e nos domingos pela tarde agora a ordem era essa que ele passava para os seus subordinados, se nós chegarmos em uma brincadeira que tiver pessoal que votar no Prefeito nos passamos direto, só pode descer se alguém nos chamar; agora se for na brincadeira dos que votam contra o prefeito é para descer e correr todos se for preciso, e se alguém se manifestar nós prendemos mas depois os adversários do prefeito acharam que Permino não era nada, passaram a enfrentá-lo com seus subordinados e Permino foi perdendo a força e logo não se importava com nada.

Vieram a surgir delegados como Valdomiro Pereira dos Santos, Justino Timóteo dos Santos e outros. Na época seu Justino foi um delegado justo era contra a violência, mas tinha o respeito de todos pela sua personalidade forte. Vou relatar um passado que assistimos em nossa casa: Tinha um cidadão chamado pequeno de Jacinto que era uma excelente pessoa, se

comportava como uma criança, todos gostavam dele, mas tinha uns dias que ele tirava para valente, começava a beber e a encrencar, mas quando ele estava sem beber, ele falava e brincava com aqueles que ele procurava confusão, com isso ninguém tinha raiva dele.

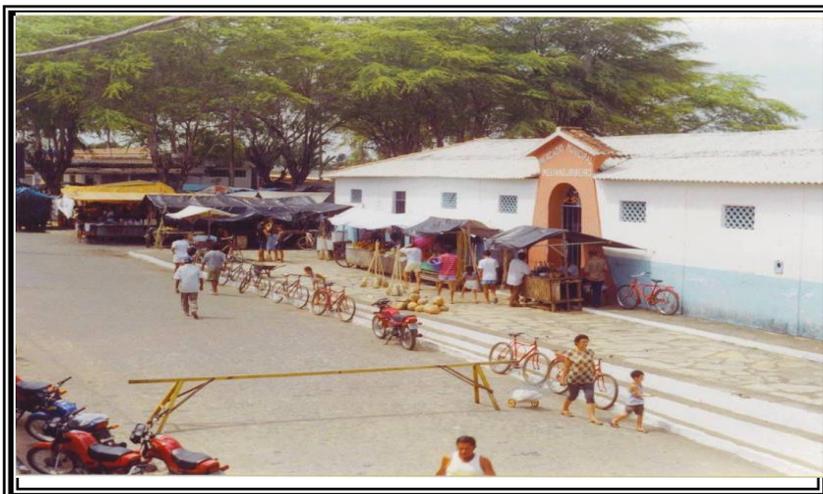
Um dia de sábado o delegado Justino encontrou com ele pela manhã no mercado e em virtude dele só andar aprontando, o delegado disse: Você tenha cuidado, deixe de criar problemas! E ele disse: Vá Justino me prenda, não é isso que você quer, mim prenda! E o delegado disse: - você vá embora e deixe de conversa! E ele disse: - não, eu vou dizer a papai que estou preso! E com isso o Sr. Justino veio para nossa casa onde se encontrava conversando na calçada papai e o seu amigo Juza, Justino entrou na conversa normalmente, depois ouviram quando o pequeno chegou na porta do meio do mercado e disse: - diga Justino que estou preso, logo passou a atirar, saiu o senhor Juza baleado no ombro e pequeno correu, mas o nosso irmão Buia estava próximo, correu atrás de pequeno e conseguiu tomar a arma e domina-lo pequeno foi para a penitenciária e lá passou muito tempo, todos esperavam que quando pequeno voltasse, viesse mais calmo, veio pior, desta vez revoltado com a polícia e toda a sua confusão passou a ser com os policiais, pequeno era jogador de baralho, uns dia estava rico com casa comercial e outro pobre trabalhando de enxada. Quando pequeno queria

bagunçar, logo cedo estava montado em um cavalo correndo em todas as ruas, passava na bodega de Gileno e tomava logo uma, dizendo alto: Quero que estes policiais, filhos de uma p. passe na minha frente, vou botar o cavalo por cima e ainda bater de taca.

Logo vinha para a casa de mãe e dizia: Néia hoje eu vou mostrar quem é pequeno, vou furar estes filhos da p. até de espora! Mãe dizia: Pequeno, tenha juízo, vá para casa, sua mulher e seus filhos estão esperando por você! E ele dizia: Néia atendo todos seus pedidos, mais este não, eu quero bagunçar! E direcionava o cavalo para a rua do Brito ia e vinha muitas vezes, a delegacia ficava em uma esquina, nesta rua, já era esperado, pela tarde se reunia uns dois policiais e prendiam Pequeno, mas ele reagia e começava a apanhar logo na rua, saía arrastado e dizendo: Mate e coma seu filho de urubu, quando eu me soltar, eu mato todinhos.

No outro dia pela manhã era solto e se dirigia para a bodega de dona Marielze e tomava uma garrafa e meia de balsamo e vinho branco, este era o remédio que as pessoas tomavam para pancada, depois ele chegava lá em casa e dizia: Néia, apanhei muito, mas escolhambei tudo! Logo você o avistava no meio da polícia, como se nada tivesse acontecido.

XXIX – Feira de São Domingos



FEIRA DE SÃO DOMINGOS

A Feira de São Domingos, no início, era dia de domingo, mas com a concorrência da Feira do Povoado Olhos D'água que na época era mais desenvolvida do que a nossa, logo resolveram transferir para o sábado; o povoado de Olhos D'água parou e a feira Nova deu continuidade. Hoje somos o município de São Domingos, mas a perspectiva é nossa feira diminuir a cada dia que passa. O povo de São Domingos vai para a feira de Itabaiana no sábado, é igual ou mais da metade dos que ficam, com os

transportes nós somos um bairro de Itabaiana, esta é a realidade.

Na feira de sábado o pessoal de Campo do Brito e Macambira vão para Itabaiana, para aqui só vêm os comerciantes porque levam o dinheiro, o pessoal de Lagarto vai para a feira de Simão Dias ou Poço Verde, que são maiores, aqui não resta nada, só a ilusão.

Eu comparo São Domingos com nossa Senhora da Glória e Monte Alegre. A feira de Nossa Senhora da Glória que é a capital do sertão, é no sábado e Monte Alegre que fica a 30 quilômetros, a feira é no domingo, é uma cidade do porte da nossa, e tem uma feira enorme atrai pessoas de todas as regiões que vão comprar e vender lá. Será que somos tão inteligentes e os outros não? Vejamos se a feira de Areia Branca é no sábado, assim ou mudamos para domingo ou então a nossa feira tem tudo para desaparecer.

Um dia, eu falando com uma pessoa que teve uma certa participação no poder, ele me disse: Era o certo mas os comerciantes não aceitam esta mudança. Enquanto os administradores pensarem assim, não se dar um passo à frente. Nem sempre esta de que a decisão do povo é sábia não é verdadeira, sábia é a decisão daqueles administradores que estão à frente do povo e têm conhecimento, assim ele lança e o povo segue, se de início houver o protesto e o projeto for sábio, no futuro terá aprovação de todos.

Eu conheço todas as cidades do estado de Sergipe e uma grande parte dos povoados, conheço a

história de uma grande cidade de Sergipe, que se desenvolveu com iniciativa de uma família - Nossa Senhora da Imperatriz dos Campos - teve o seu filho mais ilustre Tobias Barreto, era conhecida como campos e depois veio a receber o nome de Tobias Barreto; vivia dos seus bordados e costuras, não tinha outra renda. Quando eu era menino, via aquele homem com malas na cabeça andando pelas portas vendendo costuras de Campos, Tobias Barreto onde lembro de seu Miguel, um homem de estatura média e de um sorriso largo. Em Tobias Barreto conhecia dona Duca, esta senhora abriu caminho para que as outras levassem os seus produtos para vender nos grandes centros do Brasil e se tornou naquela comunidade, junto com seus filhos, uma das maiores liderança política do interior de Sergipe - Luiz (Luizinho) e Alberto que ocupava o cargo de Deputado e Luiz Prefeito. Eu trabalhava no posto Fiscal de Tobias Barreto e a grande feira era em duas ruas na qual ficava o comércio e estas ruas eram passagem dos veículos que estivessem indo ou vindo no sentido da Bahia; calcule ônibus, carretas, etc passando todos os minutos, no meio de uma feira. Alguns amigos comerciantes me diziam que de meio-dia para tarde, recebia a companhia de uma boa dor de cabeça, além dos veículos, vinham as sonorizações dos serviços de sons e o calor sem direito a ventilação, todos prefeitos que falavam em mudar a feira, recebia logo o não do CDL- Clube dos diretores Lojistas. Na mente deles, se

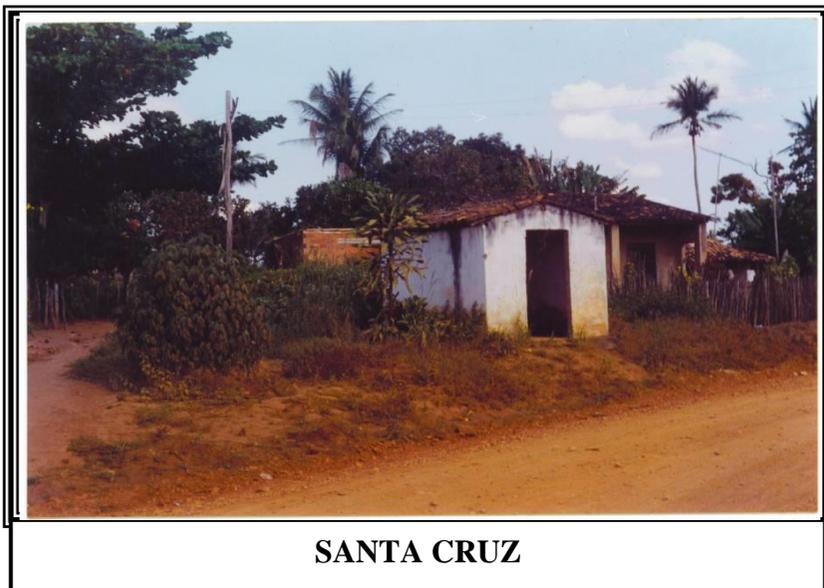
mudasse a feira os comerciantes quebravam e no segundo mandato de Luizinho ele disse: Vou mudar.

Arranjou recursos e construiu em um local, uma rodoviária próxima do mercado da farinha, construiu um centro comercial, marcou o dia para a feira ser no local novo, ninguém compareceu e outras datas foram marcadas e nada, mas no domingo pela noite tinha a feira da coruja, que era dos ambulantes ao lado do posto fiscal, a solução foi o prefeito dar aquele ponto comercial para os ambulantes. No domingo pela tarde foram arrumar e pela noite não houve mais feira da coruja ao lado do posto fiscal.

Funcionou assim: Funcionário da prefeitura ficou no posto fiscal e todos os ônibus da Bahia que vinham para a feira que em uns dias totalizavam mais de cem, o funcionário ia levar até o estacionamento que ficava no local da nova feira e o pessoal lá dormia, tinha banheiro e lá mesmo compravam, no outro dia nós olhava-mos para as avenidas e parecia dia de semana, com isso o povo se revoltou e dizia ao próprio Luizinho: - você aqui não ganha nem para vereador.

Com o tempo os comerciantes foram se transferindo para a nova feira que se tornou uma grande e um dos comerciantes que mais se manifestou contra a mudança da feira, com o tempo me disse: Humberto, Luizinho é muito inteligente, a nossa feira é uma grande feira, ser líder é saber o que está fazendo e falando.

XXX – Fazedores de promessas



Na era que o pessoal não tinha assistência médica, as curas eram feitas através de remédios caseiros ou rezas; quando o doente não se recuperava com estes meios, era solicitado à ajuda dos santos, partiam para fazer promessas com seus santos de guarda, estas promessas também eram feitas para a pessoa adquirir algo que fosse de sua vontade ou necessidade.

Sabemos que hoje com todos os avanços na medicina estes métodos são muitos usados. Naquele

tempo as capelas nas margens de estradas eram os locais que mais recebiam os presentes, as pessoas faziam as promessas e diziam: será paga na cruz do Simeão. Esta era uma cruz famosa ou na Serra do Monte e assim por diante, as pessoas gostavam de deixar o pagamento de suas promessas conforme o seu pedido, exemplos: Uma pessoa quebrava a perna; ele prometia que assim que estivesse são, daria para aquela cruz uma perna esta poderia ser de barro ou de madeira e era colocada nos pés da cruz; outros colocavam dinheiro, quando se tratava de um pedido para socorrer um animal, era colocado um feito de barro, esta cruz é o local que faziam aquelas capelinhas onde tinha morrido uma pessoa.

Os homens ao passarem em sua frente, além de se benzer ainda tiravam o chapéu; as mulheres deixavam flores e fitas que servia de enfeito. O mais interessante é que se botava uma nota de dinheiro no pé da cruz e eu observava que as notas de um mil reis eram arrumadas juntas, para o vento não espalhar, se colocava uma pedra em cima o mesmo era para as demais notas e aquele dinheiro perdia a validade e ninguém tinha a coragem de pegar para fazer uso, o respeito era muito grande; outras pessoas faziam a promessa para sair tirando esmola para os santos tais, em seu dia muitas mulheres com a imagem de Nossa Senhora da Conceição saía pelas portas das pessoas pedindo uma esmola para a santa, e todos davam o dinheiro, não importava se era pouco ou muito, este

dinheiro era colocado nos pés da imagem onde ficasse – se a pessoa fizesse a promessa e não pagasse estava condenada à volta daquele mal e desta vez com mais sofrimento. Uns faziam promessa para São Gonçalo, a qual pagava com uma dança de São Gonçalo, outros prometiam pagar com ceias, principalmente no mês junino, mais solicitado era São João, mas tem uma coisa, a promessa para se pagar tinha que contar com 12 pessoas do mesmo nome do santo. Estes se alimentavam daquela ceia que era posta naquele dia pela noite, e de preferência todos sentados no chão, vestidos de brancos com um chapeuzinho da mesma cor na cabeça, todos rezavam no início e no final da ceia e depois as pessoas que estavam pagando a promessa, ofereciam a aquele santo; agora sobre sentarem no chão, não fazia parte da promessa, era a falta de uma mesa que fosse suficiente para caber todos na hora da ceia. Eram soltados fogos de vara para informar a todos da redondeza, que ali tinha uma ceia, outra ceia era paga com seis pessoas, que se chamava meia ceia, mas a verdadeira era doze pessoas, quantidade que representa os doze apóstolos de Cristo. Hoje as promessas não atraem tanto as pessoas, parece que todos estão bem ou estão perdendo a fé ou fazendo promessas de maneira diferente.

XXXI – Tropeiros

Estes faziam o papel dos nossos motoristas de hoje. Eram responsáveis para transportar as pessoas, principalmente as mercadorias. Quando eu era menino via passar em frente de nossa casa, umas tropas de burros carregados de mercadorias no sentido Simão Dias, Itabaiana, ou vice-versa e outros para Lagarto, era uma tropa de burros bem arrumados, na sua frente ia o animal mais forte e mais enfeitado, este era o líder, usavam muitas sinetas, que acabavam com vários sons e na sua cabeçada de couro era cheio de estrelas pequenas de metal que ao passar de longe era visto pela atração da luz do sol. Os desenvolvimentos dos demais animais dependiam dele. No último animal ou o mais fraco, ia o tropeiro, este carregava um instrumento de navegação que era a macaca, esta feita com pedaço de pau que servia de cabo e uma corda feita de couro fino e longa, ela atingia alguns metros. No final desta corda, tinha um pedaço muito fino e pequeno que com o movimento feito pelos tropeiros, ele conseguia fazer manobras na ponta da macaca; com estas manobras, tirava o som que parecia a explosão de uma pequena bomba. Sem bater nos animais eles andavam e se caso não atendessem passavam a tomar reio, as pessoas ouviam as tropas passando, com o som das sinetas e os estalos da macaca, de imediato conhecia de quem era a tropa.

Cada tropa tinha identidade própria, aqui eu me lembro da tropa de Zeca mecenas que era uma pequena e tinha como tropeiro Zezé Catingueiro, esta serviu para transportar mercadorias para o seu comércio e outras de pequeno porte, que aqui existia, mas quando se falava, as tropas dos animais dos homens de Itabaiana ou Simão Dias, aí sim, era coisa para se ver, além do enfeito dos animais, a quantidade era grande, e antigamente estes transportavam mercadorias para Laranjeiras, Riachuelo e também cidades do sertão da Bahia, mas com a emancipação de São Domingos, logo foi criada a Exatoria Estadual e o exator João Neto e o Policia Fiscal José Júlio Filho, passaram a pedir as notas fiscais das mercadorias, estas que em sua maioria eram contrabandos, foram mudando o roteiro e também os caminhões foram aparecendo e os tropeiros desaparecendo.

Um fato curioso aconteceu quando o policia fiscal José Júlio Filho foi fazer uma diligência pela noite, solicitou do delegado a presença de um policial para acompanhá-lo, o delegado liberou o policial que se dizia mais valente e, este, recebeu ordem do delegado para levar um fuzil; o fiscal pensando que estava tudo “ok” deram início à diligência no local denominado passagem no rio vaza barris, que era um local de muito movimento. Ao chegarem próximo da meia-noite logo foi ouvido o pisado dos animais, que vinham descendo a ladeira, o fiscal mais o policial se

posicionaram em um ponto estratégico e quando a tropa se aproximou, o fiscal ordenou que o tropeiro parasse os animais, mas foi ao contrário, este açoitou para que os animais andassem ainda mais, com isso José Júlio Filho ordenou que o policial começasse a atirar para cima, que era o único meio de parar a tropa e nada de sair tiro, quando este foi verificar, o policial estava com um pedaço de pau, que servia para escorar a porta da delegacia, o resultado é que o contrabando foi embora.

XXXII - Resultados das eleições para prefeito

- Valdomiro Pereira dos Santos - Interventor – de 1963 a 1965.
- Valdomiro Pereira dos Santos - Prefeito – de 1965 a 1967.
- Melquiades José de Santana - Vencido.
- José Urquiza de Oliveira Fontes - Prefeito – de 1967 a 1971.
- Melquiades José de Santana - Vencido
- Valdomiro Pereira dos Santos - Prefeito – de 1971 a 1973.
- José Mecenas Filho - Vencido
- José Urquiza de Oliveira Fontes - Prefeito – de 1973 a 1977.
- José Fonseca Lima - Vencido
- José Fonseca Lima - Prefeito de 1977 a 1983.
- José Bispo de Jesus - Vencido
- Melquiades José de Santana - Prefeito de 1983 a 1989.
- Helio Mecenas - Vencido
- José Fonseca Lima - Prefeito de 1989 a 1993.
- Laelson Guedes Mecenas - Vencido
- Helío Mecenas - Prefeito de 1993 a 1997.
- Aduilson Temóteo Neto - Vencido

- José Cosme da Conceição Paixão - Prefeito – de
1997 a 2001.

- José Fonseca Lima

- Vencido

XXXIII – Recordações

 A black and white portrait of a woman with dark hair pulled back, wearing a patterned blouse with a lace collar. The background is a plain, light color.	 A black and white portrait of a woman with dark, wavy hair, wearing a light-colored blouse with a ruffled collar. A small rectangular tag with the number '16 578' is pinned to her blouse. The background is a plain, light color.
<p>Maria das Graças dos Santos</p> <p>1ª vereadora</p>	<p>Josefa Argentina Terra</p> <p>Pessoa de boas virtudes</p>



Josefa Calação
Primeira doceira

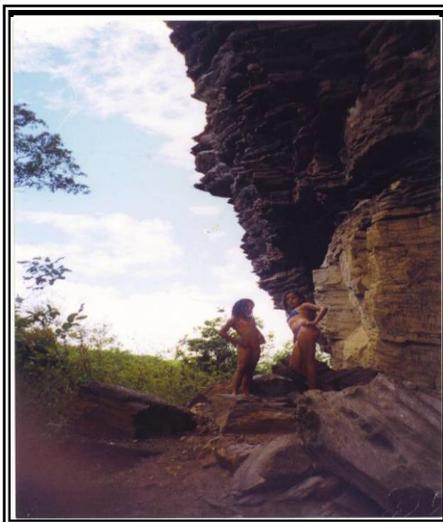


O Padre Luiz
Abençoando os
Caminhoneiros

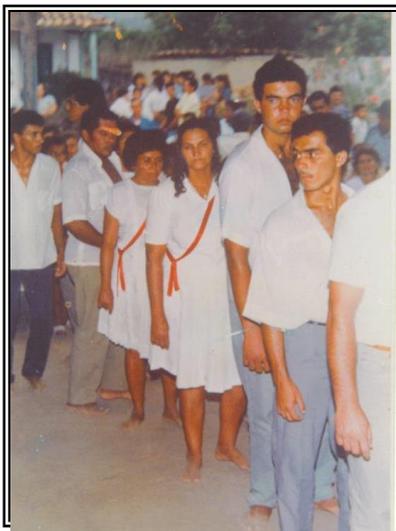


SERRA DA MIABA

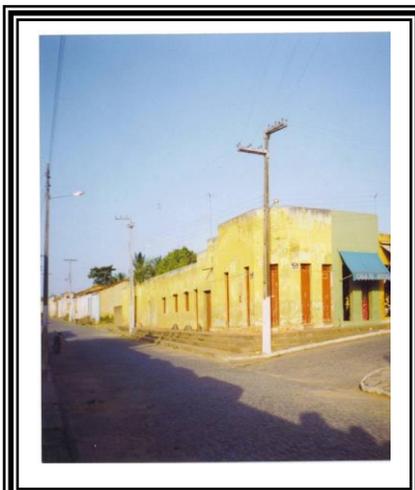
ENEAS SANTOS



PEDRA DA ARARA



**SÃO GONÇALO DA
TAPERA**



**CASA DO PRIMEIRO
PREFEITO**



TAMQUE DA MISSÃO

BIBLIOGRAFIA

AUTOR: HUMBERTO SANTOS FONSECA

GRÁFIA E EDITORA ROYAL

31.12.1999